

A Insurgência Jihadi em Moçambique

Origens, Natureza e Início

Eric Morier-Genoud

Cadernos IESE N.º 21P

“Cadernos IESE”

Edição do Conselho Científico do IESE

A Coleção “Cadernos IESE” publica artigos de investigadores permanentes e associados do IESE no quadro geral dos projetos de investigação do Instituto.

Esta colecção substitui as anteriores Colecções de Working Papers e Discussion Papers do IESE, que foram descontinuadas a partir de 2010.

As opiniões expressas através dos artigos publicados nesta Coleção são da responsabilidade dos seus autores e não reflectem nenhuma posição formal e institucional do IESE sobre os temas tratados.

Os Cadernos IESE podem ser descarregados gratuitamente em versão electrónica a partir do endereço www.iese.ac.mz.

A Insurgência Jihadi em Moçambique

Origens, Natureza e Inícioⁱ

Eric Morier-Genoud

Cadernos IESE nº 21/2021

Eric Morier-Genoud é Professor de História na Queen's University Belfast, no Reino Unido. A sua Pesquisa foca sobre História da religião na África Austral. Publicou vários livros e artigos sobre Moçambique, destacando-se textos sobre o Islão no *Journal of Southern African Studies* (Oxford, 2000), *L'Afrique Politique* (Paris, 2002), e *Journal for Islamic Studies* (Cape Town, 2007).

Março de 2021

ⁱ A versão original deste texto foi publicado em inglês no *Journal of Eastern African Studies*, vol.14, No.3 (2020), <https://doi.org/10.1080/17531055.2020.1789271>. Houve modificações mínimas além da tradução.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer às muitas pessoas que me ajudaram na investigação, cujo nome mantenho no anonimato por razões de segurança. Em relação ao apoio institucional, desejo manifestar a minha gratidão ao Instituto de Estudos Sociais e Económicos (IESE) em Maputo e ao Centro de Investigação e Estudos Económicos e Sociais de Cabo Delgado (CIEES) em Pemba, bem como a Irish Aid que apoiou parcialmente a investigação através da Queens University Belfast.

Este artigo é dedicado a Abdul Raufu Mustapha – mentor, amigo e colega – que foi professor de Política Africana na Universidade de Oxford e director da Nigeria Research Network. Editou vários volumes sobre religião e conflito na Nigéria, que foram uma inspiração para este artigo, nomeadamente *Sects & Social Disorder: Muslim Identities & Conflict in Northern Nigeria*; *Creed & Grievance: Muslim–Christian Relations & Conflict Resolution in Northern Nigeria (with David Ehrhardt)*; e *Overcoming Boko Haram: Faith, Society & Islamic Radicalization in Northern Nigeria* (com Kate Meagher).

Título: A Insurgência Jihadi em Moçambique: Origens, Natureza e Início

Autor: Eric Morier-Genoud

Copyright © IESE, 2021

Instituto de Estudos Sociais e Económicos (IESE)

Av. do Zimbabwe 1214

Maputo, Moçambique

Telefone: + 258 21486043 | Fax: + 258 21485973

Email: iese@iese.ac.mz

Website: www.iese.ac.mz

Proibida a reprodução total ou parcial desta publicação para fins comerciais.

Execução Gráfica: IESE

Tiragem: 300 Exemplares

ISBN: 978-989-8464-52-1

Número de Registo: 10450/RLINICC/2021

1. Introdução

Nos últimos três anos, a província de Cabo Delgado, situada no norte de Moçambique, tem estado a braços com uma insurgência. Começou em Outubro de 2017, altura em que os insurgentes ocuparam a cidade da Mocímboa da Praia durante 48 h e roubaram armamento, só fugindo para o mato quando chegaram reforços policiais. Desde então, a insurgência transformou-se numa típica guerra de guerrilha. No início, os ataques ocorriam à noite, contra pequenas aldeias. Em 2018, os insurgentes começaram a fazer assaltos à luz do dia. Em 2019, começaram a atacar pequenas vilas, postos avançados do exército e meios de transporte nas estradas. No início de 2020, tinham invadido sedes de distritos e divulgado vídeos que articulavam uma clara agenda jihadi. Em Julho de 2019, tinham prometido fidelidade ao Estado Islâmico do Iraque e ao Levante (EIL, mais vulgarmente conhecido por ISIS). Com isto, o ISIS começou a assumir a responsabilidade por um número cada vez maior de ataques em Moçambique. O governo reagiu enviando tropas para o norte do país, protegendo vilas e aldeias e caçando os insurgentes. Embora não tenha conseguido pôr fim à insurgência, conseguiu contê-la para uma área geográfica que abrange cerca de metade da província (cerca de 30.000 quilómetros quadrados). À medida que a insurgência ganha em força e confiança, muitos perguntam o que virá a seguir. Isto exige que compreendamos quem são os insurgentes e o que eles pretendem.

Há um grande debate sobre as causas, origens e a natureza da insurgência em Moçambique. Uma primeira dimensão do debate diz respeito à natureza religiosa do conflito. Vários comentadores e autores, tais como Hanlon, argumentam que a causa do conflito é a privação material, particularmente a pobreza, a marginalização e a falta de perspectivas no seio dos jovens, com a religião a funcionar apenas como ‘ponto de encontro’ ou capa¹. Estes autores salientam que Cabo Delgado é uma das províncias mais pobres de Moçambique e uma das áreas onde as mega-descobertas de gás criaram expectativas não satisfeitas, uma vez que as empresas internacionais ainda estão em vias de construir uma indústria de GNL (gás natural) na zona. Outros autores, tais como Habibe, Forquilha e Salvador, argumentam o contrário, nomeadamente que o Islão é um factor chave, se não mesmo o factor central, por detrás da insurgência. Eles defendem que uns jovens muçulmanos em Moçambique foram radicalizados sob a influência de pregadores do Quénia e da Tanzânia². Alguns apontam mais amplamente para o wahhabismo e os estudantes moçambicanos

¹ Joseph Hanlon, “Mozambique’s Insurgency: A New Boko Haram or Youth Demanding an End to Marginalisation?” Blog LSE, 19 June 2018 (<https://blogs.lse.ac.uk/africaatlse/2018/06/19/mozambiques-insurgency-a-new-boko-haram-or-youth-demanding-an-end-to-marginalisation>, consultado a 19 de Junho de 2018). João Mosca vê a insurgência como parte de uma ‘maldição dos recursos’; “João Mosca: Cabo Delgado já vive ‘maldição dos recursos naturais’” *Deutsche Welle*, 3 de Janeiro de 2020 (<https://www.dw.com/pt-002/jo%C3%A3o-mosca-cabo-delgado-j%C3%A1-vive-maldi%C3%A7%C3%A3o-dos-recursos-naturais/a-51711555>, consultado a 3 de Janeiro de 2020).

² Habibe, Forquilha e Pereira, *Radicalização Islâmica*, 11–12.

que estudaram em universidades da Arábia Saudita, egípcias e sudanesas³. Uma segunda dimensão do debate diz respeito à aferição da natureza externa da insurgência. Muitos autores consideram-na originária do interior de Moçambique, alguns argumentando, como vimos, que está relacionada com a pobreza local, a desigualdade e a marginalização. Outros argumentam, contudo, que ou veio de fora ou é o resultado de uma influência estrangeira. O International Crisis Group, seguindo o Grupo de Monitorização da ONU, defende uma origem externa, na medida em que vê a insurgência como o trabalho de militantes quenianos, que reprimidos pelo governo da Tanzânia onde se tinham refugiado, fugiram para Moçambique⁴. Por sua vez, Matsinhe e Valoi defendem apenas uma influência externa quando reportam um entrevistado afirmando que o pensamento jihadista foi ‘importado’ do estrangeiro. Do mesmo modo, Habibe, Forquilha e Pereira apontam para influências ideológicas de pregadores estrangeiros, tais como o Sheik Abu Rogo⁵. Face a estes argumentos e abordagens divergentes, a pesquisa para este artigo partiu da premissa de que precisamos de saber quem são os insurgentes, de onde vêm e o que dizem pretender alcançar antes de nos podermos envolver em qualquer discussão sobre o carácter religioso ou a natureza estrangeira das suas acções. Para tal, comecei a investigação pelo primeiro ataque ocorrido a 5 de Outubro de 2017 para identificar quem estava envolvido.

A perspectiva do presente texto é histórica e sociológica, ao tentar analisar, como disse Mustapha, ‘a dinâmica interna e a historicidade das sociedades muçulmanas africanas’⁶. Seguindo Chome, o texto também dá a devida consideração às ideias dos rebeldes e à evolução do seu pensamento sobre o Islão e a política⁷. A investigação foi levada a cabo durante dois períodos de trabalho de campo em Cabo Delgado, em 2018 e 2019. Com a ajuda de assistentes de investigação locais, recolhi mais de 50 entrevistas com líderes muçulmanos, funcionários do Estado, trabalhadores de ONG, pessoas afectadas pela insurgência e dois antigos insurgentes. Diferentes actores e funcionários governamentais envolvidos em Cabo Delgado também partilharam materiais. Tendo em conta a sensibilidade da

³ Santos, “War in Resource-Rich Northern Mozambique,” 11–12; e Liazzat Bonate, “Why the Mozambican Government’s Alliance with the Islamic Council of Mozambique Might not End the Insurgency in Cabo Delgado.” *Zitamar*, 14 de Junho de 2019 (<https://zitamar.com/mozambican-governments-alliance-islamic-council-mozambique-might-not-end-insurgency-cabo-delgado>, consultado a 14 June 2019).

⁴ International Crisis Group, “Al-Shabaab Five Years after Westgate.” Ver também Sunguta West, “Ansar al-Sunna: A New Militant Islamist Group Emerges in Mozambique.” *Terrorism Monitor* (Jameston Foundation), 14 de Junho de 2018, 5–7; e Eleanor Beevor, “Who Are Mozambique’s Jihadists?.” International Institute for Strategic Studies (IISS) blog ‘Analysis’, 25 de Março de 2020 (<https://www.iiss.org/blogs/analysis/2020/03/csdp-mozambique-jihadists>, consultado a 3 de Fevereiro de 2020).

⁵ Matsinhe e Valoi, “The Genesis of Insurgency,” 9; e Habibe, Forquilha e Pereira, *Radicalização Islâmica*. Ver também Gregory Pirio, Robert Pittelli e Yussuf Adam, “The Emergence of Violent Extremism in Northern Mozambique.” *Spotlights Africa*, Centro de Estudos Estratégicos (EUA), <https://africacenter.org/spotlight/the-emergence-of-violent-extremism-northern-mozambique> (consultado a 26 de Março de 2018).

⁶ Mustapha, *Sects & Social Disorder*, 3.

⁷ Chome, “From Islamic Reform to Muslim Activism.”

situação, decidi manter no anonimato todos os nomes de entrevistadores e entrevistados, bem como os locais e datas das entrevistas. Com base nessa investigação, o artigo está organizado em três secções. A primeira analisa o início da insurgência e a natureza do grupo por detrás da mesma. A segunda investiga a origem do grupo dos insurgentes, enquanto a terceira explora a razão pela qual o chamado grupo Al-Shabaab passou à violência armada, após anos de existência relativamente pacífica, e qual a internacionalização por que passou desde então. Argumenta que por detrás da insurgência está uma seita religiosa que começou em 2007 e que passou do islamismo para o jihadismo violento em meados da década de 2010.

2. Natureza da insurgência em Cabo Delgado

O primeiro ataque perpetrado em Cabo Delgado teve lugar a 5 de Outubro de 2017, na vila de Mocímboa da Praia. As reportagens, entrevistas, imagens e vídeos dos jornalistas sugerem que a maioria dos insurgentes era da própria vila de Mocímboa da Praia. A maioria tinha crescido lá, alguns eram provenientes de outros distritos de Cabo Delgado e uns tinham ‘sotaque estrangeiro’, mas a maioria deles tinha vivido na cidade antes do ataque. Muitos habitantes locais reconheceram os atacantes e referiram que estes pertenciam ao que chamavam a seita religiosa ‘Al-Shabaab’. De acordo com estes relatos, a seita tinha uma mesquita no bairro Nanduadua da cidade e estava em vias de construir outra nova mesquita ao lado da primeira. Durante alguns dias após o ataque, a polícia tentou refutar este facto, mas depois destruiu a mesquita, bem como fecharam edifícios associados à seita noutras vilas e na cidade de Pemba. Alguns funcionários do Estado de escalão inferior confirmaram em privado e em publico que uma seita religiosa estava por detrás do ataque, tal como o fizeram alguns membros e funcionários de instância inferior de instituições religiosas. O chefe do Conselho Islâmico em Mocímboa da Praia explicou, por exemplo, que ‘a presença de indivíduos com ideologias de tendência radical fora notada nos últimos tempos e tinha sido comunicada às autoridades’⁸. O administrador da Mocímboa declarou que ‘Alguns deles são nossos filhos de vários bairros e aldeias. É uma miscelânea de cidadãos que se meteram nesta confusão’⁹. O jornal *O País* (que enviou jornalistas a 6 de Outubro) escreveu a 9 de Outubro que ‘a verdade é que todos os habitantes desta cidade não têm

⁸ Raquel Loureiro e António Cascais, “Ataque em Mocímboa da Praia terá sido ‘caso isolado’”, *Deutsche Welle*, 16 de Outubro de 2017 (<https://www.dw.com/pt-002/ataque-em-moc%C3%ADmboa-da-praia-ter%C3%A1-sido-caso-isolado/a-40977442>, consultado a 16 de Outubro de 2017).

⁹ Citado pela Agência Lusa em “Mocímboa culpa migrações e recrutamento no estrangeiro pelos ataques em Moçambique”, *Diário de Notícias* (Lisbon) (<https://www.dn.pt/lusa/reportagem-mocimboa-culpa-migracoes-e-recrutamento-no-estrangeiro-pelos-ataques-em-mocambique-8844248.html>, consultado a 15 de Outubro de 2017).

qualquer dúvida de que os ataques foram perpetrados por membros da seita Al-Shabaab.¹⁰

Se não havia dúvidas localmente sobre quem estava por detrás dos ataques de 5 de Outubro de 2017, houve alguma discordância quanto ao nome da seita por detrás dos insurgentes. Alguns pensavam que se chamava Al-Shabaab e outros chamavam-lhe Al-Sunnah Wal-Jamâa. Uns poucos jornalistas referiram o nome Swahili Sunnah, um termo usado pelo influente jornal independente *mediaFAX* (Maputo) e semanário *Savana* (Maputo). Não consegui confirmar este último nome no terreno e os académicos Habibe, Forquilha e Pereira, que fizeram uma extensa pesquisa sobre os insurgentes em Mocímboa da Praia, não mencionam sequer o termo¹¹. A população no terreno utiliza o termo Al-Shabaab para se referir à seita. Significa ‘juventude/jovens’ em árabe (a maioria dos membros da seita são jovens, explicam os habitantes locais) e os homens comportavam-se como a organização Al-Shabaab na Somália (recorriam à força). Actualmente, este é o nome mais popular dado à insurgência em Cabo Delgado e a nível nacional, entre a população e nos jornais, na televisão e noutros meios de comunicação social. É também o nome que os insurgentes têm vindo a usar em notas escritas no início de 2020. Quanto ao termo Al-Sunnah Wal-Jamâa, os investigadores Habibe, Forquilha e Pereira consideram que é um nome que a seita tentou apropriar-se porque significa ‘adeptos da tradição profética e do consenso’, que é o termo que a maioria muçulmana dominante se dá a si própria em Cabo Delgado (e noutros locais)¹². Por outras palavras, os insurgentes tentaram usar o termo Al-Sunnah Wal-Jamâa para se apresentarem como detentores legítimos da ortodoxia religiosa. Todavia, isto falhou porque os líderes muçulmanos e a população rejeitaram a sua utilização do termo e em vez disso chamaram a seita de Al-Shabaab – um termo que os insurgentes acabaram por reapropriar-se¹³.

O que tencionavam os insurgentes e a sua seita com o ataque que perpetraram a 5 de Outubro de 2017? Ao contrário do que o porta-voz da polícia nacional afirmou nos dias que se seguiram, não atacaram indiscriminadamente as pessoas com o objectivo de ‘semear o medo e o terror na população e instalar a desordem pública’¹⁴. Pelo contrário, foram muito

¹⁰ Francisco Mandlate, “Jovens radicais sonham com califado em Mocímboa da Praia.” *O País* (Maputo), 9 de Outubro de 2017 (<http://opais.sapo.mz/jovens-radicaais-sonham-com-califado-em-mocimboa-da-praia->, consultado a 9 de Outubro de 2017).

¹¹ Habibe, Forquilha e Pereira, *Radicalização Islâmica*, 11.

¹² *Ibid.* Alguns autores utilizam erroneamente o termo Ansar al-Sunna, que é o nome de um braço jovem do Conselho Islâmico de Moçambique. Ansar al-Sunna não tem nada a ver com a insurgência; em Cabo Delgado está registado como Ansaru-Sunna.

¹³ Por este motivo, optei por utilizar este termo no artigo. Em contrapartida, a administração dos Estados Unidos parece ter feito uma escolha táctica para usar o termo Ahl al-Sunnah wal-Jamaah para evitar que os políticos de Washington confundissem o movimento moçambicano com a organização somali. Ver, por exemplo, a Embaixada dos EUA em Moçambique, 2018.

¹⁴ Citado pela Agência Lusa, “Grupo que atacou polícia.” *Deutsche Welle*, 6 de Outubro de 2017, *op.cit.*

selectivos e intencionais nos seus ataques. Um cidadão relatou a um jornalista que ele encontrou o líder da seita Al-Shabaab e quatro homens armados quando ele e alguns amigos caminhavam para a mesquita às 5:00 da manhã do dia do ataque. O líder teria dito aos fiéis que eles não constituíam o seu alvo, pois ele e os seus homens armados só iam atrás das forças armadas do Estado; eles não atacariam civis, a menos que estes os denunciassem à polícia¹⁵. Outro residente de Mocímboa explicou na mesma linha: 'Eles tinham uma catana, uma faca e uma metralhadora e um deles disse-me para não ter medo porque só estavam atrás da polícia'¹⁶. Uma mulher idosa que também encontrou os rebeldes de manhã cedo avançou que os homens lhe deram instruções para voltar para casa¹⁷. Um administrador adjunto de distrito confirmou esta abordagem numa entrevista em 2018 ao dizer:

No dia 5 de Outubro, concentraram-se na força policial. Não estavam preocupados com os civis, senão teria sido grave. Tentaram enfraquecer a posição [das forças armadas] na cidade, mas graças à ajuda que recebemos, conseguimos rapidamente afastá-los¹⁸.

Muitos habitantes de Mocímboa explicaram que os rebeldes e a sua seita rejeitavam o estado laico e queriam introduzir a sharia. O administrador do distrito de Palma (também afectado pela insurgência nascente) disse que se tratava de um grupo que 'luta contra o governo ou a legalidade, não quer que as crianças estudem e, depois entram nas mesquitas calçados'¹⁹. Um residente de Nanduada explicou ainda:

Se eu tiver problemas com a minha mulher, não é para ir à esquadra, tem de haver aqueles monhés de assuntos de casados, e não ir ao comando. Ter problemas de crime não é para ir no comando, tem que se usar a lei islâmica. É isso que eles querem. Eles exigem que sejam retiradas as estátuas dos presidentes Samora Machel e de Eduardo Mondlane que foram erguidas na vila e aquela cruz cristã que está na entrada da vila, porque dizem que aqui é uma zona dominada por muçulmanos e não pode haver símbolos de cristãos²⁰.

O jornalista Lázaro Mabunda, que realizou uma pesquisa sobre este grupo antes de Outubro de 2017, escreveu numa linha semelhante alguns dias após o primeiro ataque que:

¹⁵ Mandlate, "Jovens radicais sonham." *O País* (Maputo), 9 de Outubro de 2017, *op. cit.*

¹⁶ Lusa, "Mocímboa culpa migrações e recrutamento no estrangeiro pelos ataques em Moçambique." *Diário de Notícias* (Lisbon), 15 de Outubro de 2017 (<https://www.dn.pt/lusa/reportagemmocimboa-culpa-migracoes-e-recrutamento-no-estrangeiro-pelos-ataques-emmocambique-8844248.html>, consultado a 7 de Outubro de 2019).

¹⁷ Mandlate, "Jovens radicais sonham." *O País* (Maputo), 9 de Outubro de 2017, *op. cit.*

¹⁸ Entrevista, 2019.

¹⁹ Citado por Nádia Issufo, "Ataques em Moçambique: 'Está tudo sob controlo em Palma'" *Deutsche Welle*, 2 de Maio de 2018 (<https://www.dw.com/pt-002/ataques-em-mo%C3%A7ambique-est%C3%A1-tudo-sob-controlo-em-palma/a-43600360>, consultado a 2 de Maio de 2018).

²⁰ Citado por Mandlate, "Jovens radicais sonham." *O País* (Maputo), 9 de Outubro de 2017, *op. cit.*

Não aceitam que as crianças vão à escola porque para eles a única escola reconhecida é a islâmica. Não há outra reconhecida, as escolas do Estado não são para eles reconhecidas. Os hábitos alimentares têm de ir ao encontro daquilo que eles defendem. Para além disto, este grupo reconhece que na Terra só existe um supremo, é o Alá, mais ninguém²¹.

As entrevistas realizadas no decurso da presente investigação, levada a cabo em 2018 e 2019, confirmaram estes elementos e revelaram mais características sobre a seita. Os membros tinham um código de vestuário distinto: as mulheres tinham de usar a *burqa*²², enquanto os homens usavam calças mais curtas, um lenço à volta da cabeça (rapada), barba e uma faca. Este código de vestuário era usado por muitos dos homens capturados ou mortos, fotografados ou filmados, a 5 e 6 de Outubro de 2017. Relativamente à oração, a seita via homens a rezar com os braços cruzados no peito, sem usar o cofió, sem descalçar os sapatos dentro da mesquita e a rezar apenas três vezes por dia, em vez das habituais cinco vezes por dia para os muçulmanos sunitas. O elemento de oração parece indicar que a seita é escriturista, e mais especificamente ainda, *Alcoranista* (ou Al-Quraniyun)²³. O grupo proibia as mulheres de fazer qualquer trabalho fora de casa, incluindo o trabalho agrícola (tradicionalmente feito por mulheres). Eles denunciavam a ordem política e religiosa existente como corrupta e pronunciavam todos os envolvidos nestas estruturas como *kaffir* (infiéis). Recusavam-se a saudar ou a responder a saudações de pessoas que consideravam infiéis, e não hesitavam em denunciar tais pessoas em público, particularmente as que trabalhavam para a administração do Estado. Um professor islâmico declarou, numa entrevista:

Tinham atitudes e gestos estranhos à nossa religião, por exemplo a proibição de as crianças estudarem nas escolas, a proibição de votar, casamentos que não respeitavam a lei, ensinamentos em que recomendavam insultar os falsos crentes e não respeitar os pais, o governo e [outros] líderes religiosos²⁴.

Podemos retirar dois elementos desta descrição. Primeiro, estes homens podem ser identificados como *islamistas*, ou seja, indivíduos que rejeitam o estado laico e querem aplicar integralmente a sharia. Por conseguinte, não se limitavam a seguir os princípios religiosos islâmicos, mas queriam estabelecer uma ordem política baseada na sharia²⁵. Como diz Tibi:

²¹ Citado por Loureiro e Cascais, "Ataque em Mocimboa da Praia." *Deutsche Welle*, 16 de Outubro de 2017, *op. cit.*

²² O véu *niqab* cobre apenas a cabeça, a *burqa* cobre todo o corpo da cabeça aos pés, apenas com a abertura dos olhos.

²³ Os Alcoranistas (Al-Quraniyun ou Quraniyoon) rezam três vezes por dia, pois não reconhecem os Hadiths que especificam cinco orações por dia. Os Alcoranistas derivam o seu nome do facto de apenas reconhecerem o Alcorão como uma fonte legítima de direito e orientação religiosos.

²⁴ Entrevista com o Sheik M., Mocimboa da Praia, 2018.

²⁵ Kaarsholm afirma que o laicismo praticado em Moçambique era 'radical'. Ver Kaarsholm, "Islam, Secularist Government, and State-Civil Society Interaction". Para um outro ponto de vista, ver Morier-Genoud, "A Prospect of Secularization?" e

‘Islamismo não é islão’, mesmo que os dois estejam ligados. O Islão é uma religião, enquanto que o islamismo é uma ideologia política, uma forma de ‘política imbuida de religião’ (*religionized politics*), cujo objectivo é estabelecer uma ordem política baseada na sharia²⁶. Em segundo lugar, estes indivíduos constituíam uma *seita religiosa*. Em vez de tentarem mudar a ordem política, retiraram-se dela e desligaram-se da sociedade, de modo a aplicarem as normas da sharia para si próprios. Exigiam que os seus membros não se envolvessem com os sistemas laicos de justiça, saúde e educação; pelo contrário, ofereciam estes serviços dentro das suas mesquitas, desenvolvendo assim uma ‘contra-sociedade’. Por definição, as seitas são grupos religiosos recém-formados que protestam contra elementos da sua religião e sociedade de origem. Operam em alta tensão com estes, denunciando-os como ‘corruptos’, ao mesmo tempo que afirmam representar um regresso à ‘verdadeira religião’²⁷. O grupo que conhecemos como Al-Shabaab em Moçambique corresponde a esta definição de uma seita. Foi uma seita islamista até 2017, altura em que decidiu deixar de se retirar da sociedade e avançar com o ataque contra o estado, a fim de mudar a sociedade.

É revelador que o Estado e a maioria dos líderes muçulmanos em Cabo Delgado entendiam Al-Shabaab como uma ‘seita’ antes de 2017. Referiram-se a ela nesses termos e descreveram-na com as próprias características que acabam de ser enumeradas. Mais exaustiva e eloquentemente, os principais líderes islâmicos discutiram a seita Al-Shabaab na sua Conferência Islâmica Nacional realizada em Nampula a 10-13 de Novembro de 2016. Na sua maioria membros do Conselho Islâmico de Moçambique (CISLAMO)²⁸, os líderes debateram três temas, um dos quais era ‘seitas emergentes’ no país. A sua atenção centrou-se nos muçulmanos xiitas e na ‘Al Shabab’ (sic), cuja presença discutiram em relação às províncias da Zambézia, Nampula e Cabo Delgado. Os muçulmanos xiitas foram considerados um problema nestas três províncias, Al-Shabaab apenas em Cabo Delgado. Numa apresentação sobre Cabo Delgado, foram feitas as seguintes observações sobre o Al-Shabaab:

- Desencorajam a ensino Formal nas instituições públicas (escola, universidade, etc.);
- Não tem em consideração os princípios islâmicos;
- Permitem casamentos sem consentimento dos pais das meninas;
- Porte de armas brancas, que simbolizam a jihad;
- Não aceitam o diálogo;

“The 1996 ‘Muslim holiday’ affair.”

²⁶ Tibi, *Islamism and Islam*. Olivier Roy fez o mesmo comentário há mais de 20 anos, chamando-lhe ‘le grand malentendu’ (o grande mal-entendido); ver Roy, *Généalogie de l’islamisme*.

²⁷ Entre a vasta literatura sobre ‘seitas’, ver Johnson, “A Critical Appraisal of the Church-Sect Typology.”

²⁸ O Conselho Islâmico de Moçambique (CISLAMO) é uma organização wahhabi reconhecida pelo governo e financiada pela África Muslim Agency (AMA) do Koweit.

- Incitam à violência e descontentamento com os Álimos do ISLAM;
- Promessas de ataque ao Ahle Sunnat Wal Jammāt²⁹.

Isto é consentâneo com as descrições dadas pelos residentes de Mocímboa da Praia e com os detalhes descobertos pela minha investigação. Em suma, é claro que os homens que atacaram Mocímboa da Praia em Outubro de 2017 constituíam uma seita islamista presente apenas em Cabo Delgado e conhecida como Al-Shabaab. A seita existia antes de 2017 e os líderes muçulmanos e outros já tinham discutido a sua existência, assim como o que deveria ser feito em relação a ela, antes de começar a envolver-se na violência armada. Passo agora a considerar a questão da proveniência da seita.

3. Origens da seita Al-Shabaab

As nossas investigações no sul da província de Cabo Delgado sugerem que a seita surgiu no distrito de Balama em 2007, embora pudesse ter começado mais cedo e num distrito diferente. Um líder muçulmano referiu que um movimento semelhante tinha surgido em 1989-90 no distrito de Nangade. Os adeptos dessa seita afirmavam ser seguidores de Moisés, um profeta da tradição muçulmana. Eles tinham um código de vestuário semelhante ao dos membros do actual Al-Shabaab. O sheik explicou: 'Eram jovens, cortavam as calças, cortavam o cabelo, [usavam] barba e [andavam com] um pau de madeira'. Na mesquita, rezavam: mulher, homem, mulher, homem...³⁰. Esta descrição revela que o grupo de Nangade tinha ideias e práticas invulgares, várias das quais correspondem às do Al-Shabaab – corte de cabelo, barba, calças curtas e uma forma diferente de rezar na mesquita. Na altura, as principais organizações islâmicas em Cabo Delgado consideraram o grupo como um risco e em 1990 o sheik entrevistado foi incumbido de ir a Nangade para ajudar o administrador a 'conter' o grupo religioso. Falaram com alguns membros da seita e prenderam outros. Eventualmente, 'através de força, o grupo desvaneceu-se', explicou o sheik. Porque o grupo de Nangade agiu de forma semelhante ao Al-Shabaab contemporâneo, o sheik entrevistado especulou que os membros do grupo de 1989-90 poderiam ser os mesmos que os da seita de hoje, embora não pudesse apontar qualquer elemento específico que provasse uma relação directa entre eles³¹. Será necessária uma investigação mais aprofundada sobre este ponto. Entretanto, já podemos concluir que ou (a) a seita é bastante

²⁹ *Relatório da Conferência Islâmica*, Nampula 10–13 de Novembro de 2016, pp. 13–14. Há poucos xiitas em Cabo Delgado e o apresentador que falava desta província gabou-se de os terem conseguido expulsar da cidade de Mocímboa da Praia. Vale a pena notar também que o termo Ahle Sunnat Wal Jammāt é usado aqui no sentido (referido antes) de maioria/ortodoxia.

³⁰ Entrevista com o Sheik X., Pemba, 2019.

³¹ Entrevista com o Sheik X., Pemba, 2019.

antiga e/ou tem ligação com uma seita mais antiga, ou (b) precisamos de pensar na seita Al-Shabaab como parte de uma dinâmica e história mais amplas de seitas islâmicas no norte de Moçambique³².

No que diz respeito à seita Al-Shabaab, a nossa investigação de 2018-19 revelou a sua manifestação mais antiga em 2007 no distrito de Balama. Nesse ano, um jovem, Sualehe Rayfel, da etnia makua, regressou à sua aldeia natal de Nhacole (também conhecida como Muapé - ver mapa abaixo) depois de ter passado vários anos na Tanzânia. Juntou-se à mesquita Wahhabi local, recentemente construída pela Africa Muslims Agency (AMA, uma ONG do Koweit) e gerida pelo CISLAMO. Tinha uma abordagem à fé islâmica diferente da de outros crentes, rejeitando várias práticas e ideias existentes como *haram* (proibidas). Tentou converter os membros desta mesquita, bem como de outras mesquitas, à sua maneira enquanto construía o seu próprio local de oração – contactando as autoridades a fim de obter autorização a 3 de Maio de 2007³³. Rapidamente aumentaram as tensões entre o Sheik Sualehe e outros muçulmanos em Nhacole, incluindo a recém-chegada CISLAMO. Por essa razão, o Sheik Sualehe retirou-se da mesquita de Wahhabi e mudou-se para o seu próprio edifício religioso no seu complexo pessoal. Lá pôs em prática as suas próprias ideias e princípios com um grupo de seguidores do sexo masculino e feminino. A pessoa que era o chefe oficial da aldeia de Nhacole na altura descreveu as suas ideias e princípios da seguinte forma:

Quando os muçulmanos terminam de rezar, sempre lavam a cara e lavam as pernas ou pés. Então no caso de Sualehe, não se podia nem lavar a cara nem lavar os pés antes ou depois da mesquita. Se passasse a lavar os pés e a cara era considerado praticas de haram. Eles não usavam cofio muçulmano do CISLAMO, mas os homens de Sualehe deviam pôr lenços e se amarravam na cabeça. Mas alguns deles até não punham lenços; o que não punham era o tipo de cofio do CISLAMO. A forma de vestir das mulheres, sabíamos e víamos que se cobriam todo o corpo em vestes pretas e aí nos questionamos da seguinte forma 'essa maneira de vestir, as mulheres não sentem calor'? Os homens vestiam calças curtas que não chegavam a ser calças no verdadeiro termo da palavra³⁴.

Embora se tivesse retirado para a sua própria mesquita, as tensões entre o Sheik Sualehe e outros muçulmanos continuaram, particularmente entre Sualehe e o CISLAMO. Havia muitos pontos de discórdia entre o Sheik Sualehe, os principais muçulmanos e a esmagadora maioria dos sufi da região; porém, para o Sheik Wahhabi, o principal ponto de discórdia era

³² Mustapha faz a mesma observação em relação a Boko Haram na Nigéria; ver Mustapha, *Sect & Social Disorder*, capítulo 3.

³³ Cópia do pedido na posse do autor.

³⁴ Entrevista com o chefe oficial de Nhacole, Balama, 2019.

a relação dos crentes com o Estado. Enquanto o Sheik Sualehe rejeitava categoricamente o Estado, a CISLAMO trabalhava muito de perto com ele. Isto levou a um conflito entre Sualehe e a CISLAMO, pois Sualehe denunciava os que trabalhavam com o Estado como *kaffir*. Após uma troca de cartas e pelo menos uma reunião (em 16 de Maio de 2010) para tentar resolver as suas divergências³⁵, a CISLAMO decidiu dirigir-se ao Estado e denunciar formalmente o Sheik Sualehe. A administradora do distrito analisou a questão e acabou por decidir prender Sualehe e alguns dos seus seguidores. A 21 de Março de 2011, a administradora realizou uma reunião com o Sheik Sualehe preso e os seus seguidores para explicar que o Estado não permitiria que ninguém pregasse a rejeição do Estado (laico) e impedisse os seus filhos de irem à escola. Com efeito, o administrador expulsou o Sheik Sualehe e os seus seguidores de Balama, a menos que estes mudassem as suas ideias e práticas. O Sheik decidiu abandonar o distrito e ele e alguns dos seus seguidores foram para a Tanzânia³⁶. O Sheik regressou a Nhacole para uma breve visita (talvez duas visitas) antes de se estabelecer noutra local da província. Nenhum entrevistado pôde dizer para onde é que ele foi exactamente depois de deixar Nhacole. Esta é uma questão importante que necessita de ser mais aprofundada, primeiro, para verificar se o Sheik Sualehe foi o fundador da seita Al-Shabaab e, segundo, para saber se divulgou a seita na província e como a divulgou.

O que se sabe é que Sualehe não fugiu para o distrito de Chiure. Aqui, a seita começou em 2014 (possivelmente em 2013) e o fundador do grupo foi um homem chamado Abdul Carimo. Nascido em Chiure, da etnia makua, Abdul Carimo terá sido influenciado por um sheik de Mocímboa da Praia. Depois de se juntar à seita, começou a entrar em conflito com os crentes na sua mesquita habitual em Chiure. Para promover as suas opiniões e práticas, o Sheik Abdul decidiu criar a sua própria mesquita na sua casa, no bairro de Namuita. Algumas pessoas seguiram-no e assim o Sheik Abdul desenvolveu a seita na sua casa, transformando-a num complexo quando acrescentou uma Madrasa (escola) e várias outras casas³⁷. Mais tarde, foi aberta uma mesquita afiliada no bairro de Nhamissir. Tal como aconteceu com o Sheik Sualehe em Balama, outros muçulmanos não ficaram satisfeitos com a presença desta seita e o Conselho Islâmico em várias ocasiões tentou convencer o Sheik Abdul e os seus seguidores a abandonar os seus esforços³⁸. No dia 4 de Outubro de 2015, a seita chamou a atenção das autoridades quando os membros denunciaram verbalmente uma cerimónia oficial que decorria na cidade por ocasião do Dia da Paz. No ano seguin-

³⁵ Cópias da acta da reunião na posse do autor; entrevista com o sheik da CISLAMO, Balama, 2019.

³⁶ Há outra versão da história segundo a qual o Estado expulsou Sualehe em 2009 e ele regressou em 2010, para ser novamente expulso em 2011.

³⁷ Entrevista com A. e B., Chiure, 2019.

³⁸ Sheik Abdulcarimo Fadile, "O Problema do Muçulmano ser um Funcionário Público." *Al-Hujomu* (Pemba), Nº. 40, 13 de Dezembro de 2015.

te, os membros da seita protestaram novamente, gritando que a cerimónia era *haram*³⁹. Um mês depois, no início de Novembro de 2016, as coisas azedaram quando membros da seita em Intutupué, no vizinho distrito de Ancuabe, entraram em confrontos com outros muçulmanos e mataram um deles. Seis dos homens envolvidos na matança fugiram para a cidade de Chiure, onde a polícia os prendeu imediatamente. No dia seguinte, a 3 de Novembro de 2016, os residentes de Chiure receberam instruções para destruir a mesquita do Al-Shabaab, no bairro de Nhamissir, enquanto 36 membros da seita armados com facas e catanas sitiaram a esquadra de polícia local, exigindo a libertação dos seus colegas presos. A violência irrompeu em Nhamissir no dia seguinte, quando os membros da seita exigiram a devolução dos materiais da sua mesquita destruída, que as autoridades tinham confiscado. Quando um crente atirou uma catana à polícia, estes ripostaram, ferindo o Sheik Abdul. A polícia prendeu 21 homens, que foram rapidamente levados a julgamento e condenados a uma pena de prisão de 15 meses. A polícia enviou os homens de Intutupué de volta ao distrito de Ancuabe, onde foram julgado e também condenados a penas de prisão. O Sheik Abdul ferido, por seu lado, foi enviado para o hospital de onde ele e um colega fugiram assim que o seu estado de saúde melhorou. Foi recapturado no ano de 2017 e terá morrido na prisão em 2018⁴⁰.

Apesar destas dificuldades (e por vezes por causa delas), a seita Al-Shabaab expandiu-se na província de Cabo Delgado durante os anos 2010. A conferência islâmica nacional, que teve lugar em Nampula em 2016, concluiu que no final desse ano, a seita predominava em quatro distritos da província de Cabo Delgado, nomeadamente Palma, Nangade, Mocímboa da Praia e Montepuez⁴¹. Houve também sinais da sua presença em Macomia e Quissanga, onde surgiram problemas em 2015 e 2017 (ver a secção a seguir). Por outras palavras, em 2016 o Al-Shabaab tinha uma presença em pelo menos cinco distritos de Cabo Delgado e tinha sido expulsa de outros três, nomeadamente Balama, Ancuabe, e Chiure (ver Mapa 1 abaixo). Não é claro se a seita tinha alguma sede em 2016, mas se tinha, foi provavelmente em Mocímboa da Praia, onde por volta de 2016-17, não só estava a construir uma segunda mesquita no bairro de Nanduadua, mas uma mesquita feita de cimento. A história da seita em Mocímboa da Praia ainda não é totalmente clara. Os investigadores Habibe, Forquilha e Pereira sugerem que a seita começou as suas actividades naquele local já em 2013 ou 2014⁴². Um relato de um sheik sufi que entrevistei sugere uma data ainda anterior: o sheik declarou ter viajado para Mocímboa em 2010, e novamente em 2011, para resolver conflitos entre a sua comunidade e a seita Al-Shabaab, sugerindo que a seita ter-se-ia lá

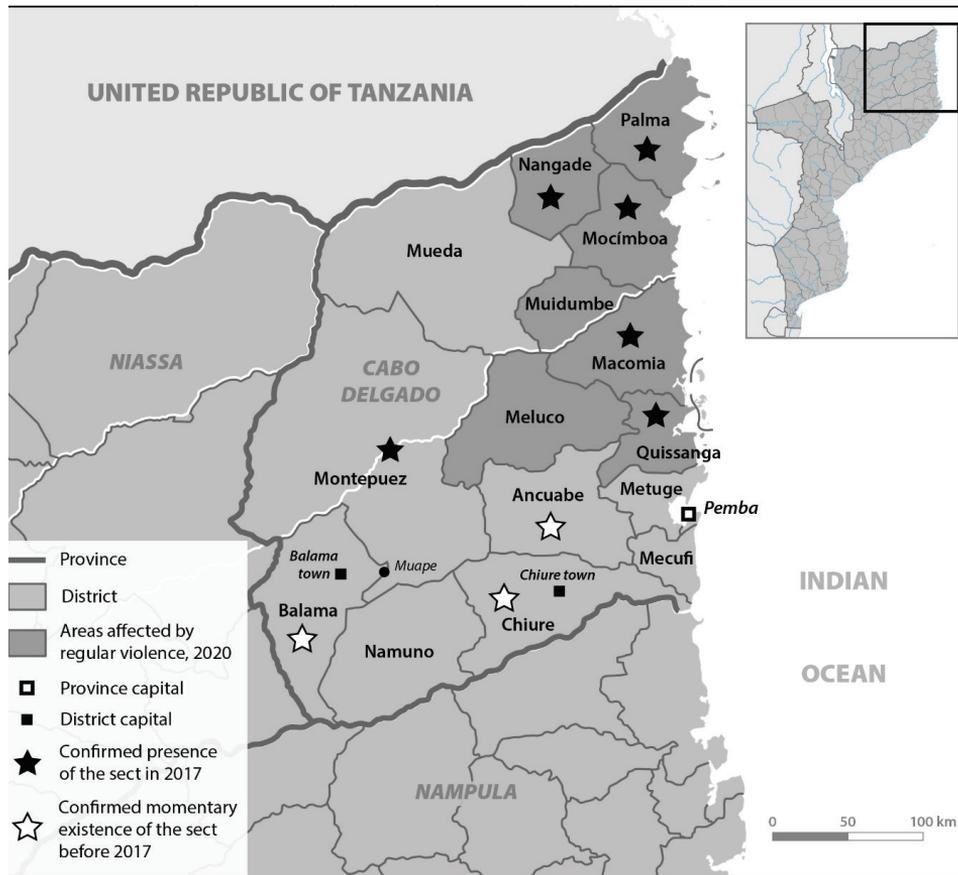
³⁹ Entrevista com C., Chiure, 2019.

⁴⁰ Entrevista com C., A. e B., e D., Chiure, 2019.

⁴¹ Relatório da Conferência Islâmica, Nampula 10–13 de Novembro de 2016, 13.

⁴² Habibe, Forquilha e Pereira, *Radicalização Islâmica*, 13.

instalado no mais tarde em 2010⁴³.



Legenda:

Zona de cinzento mais escuro = zonas regularmente afectadas por violência, 2020

Presença confirmada da seita em 2017

⁴³ Entrevista com o Sheik X., Pemba, 2019; e com Habibe, Forquilha e Pereira, *Radicalização Islâmica*, 13–15.

Existência momentânea da seita antes de 2017

4. Transição para a violência e ligações internacionais

O que terá induzido a seita Al-Shabaab a enveredar por acções violentas em Outubro de 2017? Embora verbalmente agressiva, a seita parecia razoavelmente feliz nos seus anos iniciais ao retirar-se da sociedade e funcionar separada da sociedade. O que levou à mudança da construção de uma contra-sociedade sob o domínio da sharia para uma guerra jihadi com o objectivo de transformar o estado e a sociedade? O relatório de Habibe, Forquilha e Pereira refere-se à militarização do Al-Shabaab em 2015, mas é silencioso quanto à razão pela qual isto aconteceu⁴⁴.

Vários indivíduos que entrevistámos em Cabo Delgado disseram-nos que desde o início, a seita tinha assumido uma dimensão militar – os membros teriam sempre recebido formação militar⁴⁵. Isto parece ser pouco provável. Para começar, por que razão teriam eles treinado durante dez anos sem se envolverem em qualquer acção armada? Por outro lado, várias autoridades policiais disseram-nos claramente que até 2017 nunca tinham encontrado qualquer prova de distribuição de armas entre os membros da seita; tudo o que os membros da seita tinham eram catanas e facas compradas localmente⁴⁶. Portanto, é mais provável que a dimensão militar estivesse a ser lida no passado da seita à luz da recente acção violenta. Baseado em Habibe, Forquilha e Pereira e umas outras entrevistas, parece mais adequado afirmar que a seita mudou para uma abordagem violenta em 2016, ou por volta dessa data. Com base em dados recolhidos de diferentes fontes, sugiro que a seita mudou a sua estratégia global depois de ter crescido e ficar mais agressiva e depois de ter sido alvo de consequente oposição e repressão por parte das principais organizações muçulmanas e do Estado – com um ponto de viragem atingido por volta de 2016.

Enquanto os principais líderes muçulmanos em várias ocasiões lidavam sozinhos com a seita, ao tentarem envolvê-los no diálogo e no debate (como se viu acima), também pressionaram o Estado a reprimir a seita logo desde o início da sua existência. No distrito de Balama, isto levou à expulsão da seita em 2011. Contudo, em muitos, se não na maioria dos outros distritos, os administradores do Estado recusaram-se a intervir. À semelhança dos governadores de Cabo Delgado, eles consideravam o conflito como um assunto intra-muçulmano e achavam que não era o papel de um representante do Estado laico intervir num

⁴⁴ Habibe, Forquilha e Pereira, *Radicalização Islâmica*, 10.

⁴⁵ Entrevista com Y., Pemba, 2018; entrevista com W., Pemba, 2018.

⁴⁶ Entrevista com D., Pemba, 2019.

desacordo sobre a interpretação e práticas religiosas⁴⁷. Porém, este entendimento mudou em 2015-16, altura em que a seita se envolveu numa série de confrontos violentos com as autoridades estatais. Começou no mais tardar em Novembro de 2015, quando os membros do Al-Shabaab tentaram impedir à força a venda de álcool na aldeia de Pangane, distrito de Macomia. Os proprietários de bares e lojas chamaram a polícia, inflamando a situação: um membro da seita esfaqueou um agente da polícia até à morte e a polícia feriu dois membros da seita⁴⁸. Embora não seja claro se o governo agiu em resposta a este ataque ou não, durante o mesmo ano deportou dois membros (líderes?) da seita (um queniano e um tanzaniano) de Mocímboa da Praia⁴⁹. Em Novembro de 2016, a violência teve então lugar em Intutupué (distrito de Ancuabe), durante a qual um homem foi morto e vários membros da seita fugiram para Chiure, como vimos acima. Este facto esteve na origem de violência na vila de Chiure, durante a qual o líder da seita da cidade foi baleado, 27 membros da seita foram presos e as mesquitas do Al-Shabaab da cidade foram destruídas. É provável que esta lista de acontecimentos não seja exaustiva, mas sabemos que a repressão continuou, ou mesmo aumentou em 2017, com o Estado a deter muitos homens do Al-Shabaab nos distritos de Quissanga e Macomia por apelarem à população para não respeitar o Estado laico⁵⁰. A polícia do distrito de Macomia explicou as suas acções contra a seita em Junho de 2017 da seguinte forma:

Estes três cidadãos, vêm criando uma desinformação, apelando a população que não tenha consideração com a existência do Governo, apelando ao desrespeito às autoridades, a não aderência às escolas e ao uso de objectos contundentes de auto-protecção, como facas e outros instrumentos⁵¹.

Por outras palavras, não só se registou um número crescente de incidentes em 2015-16, como no final de 2016 o governo estava a contrariar activamente a seita, prendendo homens apenas por pertencerem à seita e pedirem não-obediência ao estado. É provável que os líderes da seita tenham concluído então que já não era possível construir e viver numa contra-sociedade. Provavelmente teram então mudado a sua estratégia para alcançar o seu objectivo de viver numa ordem política baseada na sharia: dum plano de se retirarem

⁴⁷ Habibe, Forquilha e Pereira, *Radicalização Islâmica*, 13; e entrevista com F., Pemba, 2019.

⁴⁸ “Tumultos em Pangane provocam morte e feridos.” *Domingo* (Maputo), 9 de Novembro de 2015 (<https://www.jornaldomingo.co.mz/index.php/arquivo/26-reportagem/7791-tumultos-empangane-provocam-morte-e-feridos>, consultado a 3 de Fevereiro de 2018).

⁴⁹ Entrevista com Y., Pemba, 2018; entrevista com W., Pemba, 2018.

⁵⁰ Chichava, “Os primeiros sinais do ‘Al Shabaab’ em Cabo Delgado.”

⁵¹ Adelina Pinto, “Detidos três membros de grupo muçulmano que promove desinformação em Cabo Delgado.” *Mazagine Independente* (Maputo), 21 June 2017 (<https://www.magazineindependente.com/detidos-tres-membros-grupo-muculmano-promove-desinformacao-cabo-delgado/>, consultado a 27 de Abril de 2020). A Rádio Moçambique publicou o artigo no dia anterior, mas este desapareceu do seu website.

da sociedade passaram a planificar atacarem o Estado a fim de mudarem a forma como a sociedade no seu todo funciona. Passaram, assim, do sectarismo islamista para o jihadismo armado⁵².

A emergência da seita Al-Shabaab e a sua mudança para o jihadismo armado por volta de 2016 não aconteceu no vazio. Quando a seita emergiu nos anos 2000, a província de Cabo Delgado era (como ainda é) uma das mais pobres de Moçambique. Era (e continua a ser) uma zona profundamente dividida entre muçulmanos e cristãos, não tanto por causa da religião em si, mas porque as divisões religiosas se sobrepõem às divisões étnicas, sociais, políticas e de poder. Estas não são divisões essenciais, mas construções sociais e históricas que se cristalizaram ao longo do tempo⁵³. O resultado é que as comunidades costeiras makua (makua-meto) e mwani formam uma maioria muçulmana, enquanto a minoria makonde, de religião cristã, detém o poder social, económico e político na província. Os makua, e mais ainda os mwani, se ressentem desta dominação à luz do seu 'glorioso' passado pré-colonial islâmico e swahili (embora com comerciantes de escravos). Os makonde sempre foram a espinha dorsal do partido no poder, a Frelimo (com um makonde eleito como seu presidente em finais de 2014), enquanto os mwani se alinharam historicamente com o partido da oposição Renamo (desde as eleições multipartidárias de 1994)⁵⁴. As tensões são particularmente fortes em certas localidades. Em Mocímboa da Praia, que está dividida segundo linhas sectárias, eclodiram tumultos étnico-políticos em 2005, quando a Renamo rejeitou os resultados das eleições gerais e ocorreram pilhagens e assassinatos sectários⁵⁵. Os anos 2000 foram também incertos em termos económicos. Uma economia ilegal floresceu com o contrabando, a extracção ilegal de minerais, a caça furtiva e o tráfico de droga, enquanto um governo local liberal (e relativamente fraco) permitiu a imigração de muitos indivíduos da Tanzânia e de outros países africanos⁵⁶. Mesmo na esfera religiosa, as coisas estavam a mudar rapidamente e a tornar-se cada vez mais incertas. As tensões intra-muçulmanas desenvolveram-se com a introdução de instituições Wahhabi em Cabo Delgado nos anos 90 e 2000, lideradas pela CISLAMO e pela AMA⁵⁷. Houve também competição por parte de novas organizações cristãs que se mudaram para a província nos anos

⁵² Tibi, *Islamism and Islam*, 135. O termo jihadi é problemático, uma vez que tem dois significados, sendo que o menos conhecido refere-se à autodisciplina que é necessária para se tornar uma boa pessoa religiosa. Bonelli e Carrié oferecem como alternativa a expressão de 'violência política que faz referência ao Islão'. Prefiro continuar com o termo jihadismo armado ou violento. Ver Bonelli e Carrié, *La fabrique de la radicalité*, 15.

⁵³ Para uma leitura construtivista da etnicidade em Moçambique, ver Sérgio Chichava, "Por uma leitura sócio-histórica da etnicidade em Moçambique."

⁵⁴ Feijó, "Assimetrias no acesso ao Estado."

⁵⁵ Ana Sousa Santos, *History, Memory and Violence*, capítulo 8.

⁵⁶ Haysom, *Where Crime Compounds Conflict*.

⁵⁷ Bonate, "Transformations de l'islam à Pemba"; Declich, "Transmission of Muslim practices and women's agency"; Macagno, "Les nouveaux Oulémas"; Morier-Genoud, "L'islam au Mozambique après l'indépendance."

1990 e 2000 para converter as últimas comunidades ‘sem igreja’ do mundo, nomeadamente as mwani e makua-meto de Cabo Delgado⁵⁸.

Apesar destas evidências, muitos intelectuais, actores religiosos e políticos recusam-se hoje a aceitar que a violência armada tenha alguma coisa a ver com a dinâmica da sociedade muçulmana de Cabo Delgado. Acreditam, pelo contrário, que a insurgência é uma conspiração. Existem várias teorias, desde uma conspiração de uma potência estrangeira (por exemplo, a CIA)⁵⁹ ou de interesses privados (companhias petrolíferas que visam controlar os recursos naturais de Moçambique)⁶⁰, a uma conspiração islamista (os jihadista ‘a descenderem’ a costa oriental de África) ou a uma conspiração política de dentro de Moçambique (uma facção da Frelimo que visa prejudicar o presidente makonde do país)⁶¹. Subjacente a muitos destes argumentos está a opinião segundo a qual os rebeldes não têm ‘rostro’ e a sua religião é um manto ou uma ‘cortina de fumo’ para interesses materiais ou políticos concretos⁶². O problema de tal argumento é que a seita Al-Shabaab surgiu em meados ou finais dos anos 2000, com base numa leitura (política) particular da fé islâmica. Isto não significa que não possa haver uma conspiração, mas sim que se existe, ela teve ter sido iniciada antes de 2007 (o que é bastante improvável) ou teve de ocorrer em fases posteriores através da infiltração ou da manipulação, algo que é bastante diferente de uma verdadeira e completa conspiração. Um argumento relacionado é que a insurgência do Al-Shabaab teve origem fora do país. No entanto, tal como a nossa investigação demonstra, a insurgência assenta numa seita religiosa moçambicana, cuja liderança era essencialmente moçambicana. Parece, portanto, difícil sustentar um argumento a favor de uma ‘invasão externa’ ou mesmo de uma ‘importação’ que levou à insurgência. Claro que existem influências, ligações e colaborações externas, mas isto é, mais uma vez, bastante diferente de uma exterioridade total. É um assunto que ainda precisa de ser devidamente investigado.

⁵⁸ Morier-Genoud, “The 1996 ‘Muslim holiday’ affair,” 421–22. Para o caso específico de Cabo Delgado, ver por exemplo o projecto Joshua (https://joshuaproject.net/people_groups/13902/MZ, consultado a 4 de Novembro de 2019).

⁵⁹ Jacinto Veloso, “O cenário mais provável,” *Savana* (Maputo), 5 de Junho de 2020. Jacinto Veloso é um político moçambicano muito influente, que ocupou muitos altos cargos, incluindo o de chefe dos serviços secretos.

⁶⁰ Entre outros, ver os escritos (influentes) no Facebook de Julião João Cumbane, PCA da Empresa Nacional de Parques de Ciências e Tecnologias (Maputo).

⁶¹ A oposição e alguns responsáveis da Frelimo estão muito entusiasmados com esta ideia. Ver, por exemplo, a declaração do falecido chefe da oposição em André Baptista, “Dhlakama fala de ‘cunho político’ nos ataques de Mocimboa da Praia,” *Voz da América*, 17 de Outubro de 2017 (<https://www.voaportugues.com/a/dhlakama-fala-de-cunho-politico-nos-ataques-de-mocimboa/4074861.html>, consultado a 17 de Outubro de 2017).

⁶² O bispo de Pemba tem argumentado repetidamente que os insurgentes ‘não têm rosto’ e o Presidente da República tem dito o mesmo em várias ocasiões. Entre outras, ver o “Comunicado do Bispo de Pemba aos cristãos e às pessoas de boa vontade,” Pemba, 10 de Junho de 2018, e o Presidente Nyusi citado em Ramos Miguel, “Nyusi reconhece ser difícil conhecer motivações dos ataques em Cabo Delgado,” *VOA Português*, 6 de Junho de 2019 (<https://www.voaportugues.com/a/nyusi-reconhece-ser-dif%C3%ADcil-conhecer-motiva%C3%A7%C3%B5es-dos-ataques-em-cabo-delgado/4948100.html>, consultado a 14 de Outubro de 2019).

Associado a isto está a questão da ligação dos insurgentes ao ISIS. Em meados de 2019, o Al-Shabaab fez um juramento de fidelidade para com a organização internacional e integrou formalmente a recém-constituída Província da África Central do Estado Islâmico (ISCAP). Um autor adiantou que isto levou a um grande afluxo de combatentes e comandantes estrangeiros (não menos de 40 comandantes, argumenta ele) e à tomada do Al-Shabaab pelo ISIS, ou seja: o fim da Al-Shabab⁶³. A conclusão parece precipitada, tanto mais que se baseia em informações não cruzada. O que sabemos ao certo é que os rebeldes hasteiam a bandeira do ISIS e comunicam com o ISIS. Os meios de comunicação do Estado islâmico têm publicado um número crescente de reivindicações em relação a Moçambique desde Junho de 2019, com fotografias e vídeos posteriores, indicando um reforço das ligações virtuais entre o Al-Shabaab e o ISIS. Todavia, não assistimos a uma mudança tecnológica na produção de meios de comunicação (os vídeos ainda eram feitos em telemóveis no início de 2020) ou qualquer outra mudança que indicasse uma apropriação do Al-Shabaab pelo ISIS. Pode-se esperar que haja um reforço dos laços entre os dois actores ao longo do tempo e que o ISIS acabará por influenciar a estratégia, as tácticas e os alvos dos insurgentes. Porém, não se pode presumir que isto tenha acontecido ou venha a acontecer. Os dados concretos sobre a situação actual são escassos e o futuro é incerto. Além disso, há elementos que indicam que já existem divergências entre o Al-Shabaab e o ISIS. Sabemos, por exemplo, que os insurgentes continuam a intitular-se Al-Shabaab quando se dirigem à população local e que insistem que são locais. Também se verificou uma diminuição significativa de informação sobre Moçambique nos meios de comunicação social do ISIS na segunda quinzena de Maio e em Junho de 2020, numa altura quando o Al-Shabaab começou a circular vídeos independentes em língua suahili e a Al-Qaeda fez uma primeira reivindicação de ataque em Moçambique⁶⁴. Se a experiência nigeriana tem algo a ensinar, temos de considerar todas as opções possíveis para o futuro: a seita Al-Shabaab poderá aumentar as suas ligações ao ISIS, mas poderia muito bem não o fazer, ou divergir se não se separar do ISIS, a mudar o seu juramento de fidelidade. Na Nigéria, o Boko Haram teve contactos com a Al-Qaeda no Magrebe Islâmico em 2010, o que levou a uma dissidência momentânea no seio do movimento nigeriano. Em 2015, o movimento fez uma promessa de lealdade ao ISIS, o que levou à divisão do movimento em dois um ano mais tarde, tendo uma facção mantido as suas ligações ao ISIS, enquanto a outra regressou à sua identidade e autonomia originais – uma situação que se mantém até aos dias de hoje⁶⁵. Por outras

⁶³ Nuno Rogeiro, *O Cabo do Medo*, 175 (e 204 para os comandantes).

⁶⁴ Ver os relatórios 'Cabo Ligado' relativos a estes meses (<https://acleddata.com/cabo-ligadomozambique-conflict-observatory/>). A reivindicação da Al-Qaeda foi feita pela Agência Thabat a 22 de Maio de 2020. Para os vídeos dos insurgentes em suahili, ver a página Pinnacle News no Facebook de 29 de Maio de 2020 (<https://www.facebook.com/pinnacle-news79>, consultado a 29 de Maio de 2020).

⁶⁵ Vincent Foucher "Nigeria: divisions au sein du groupe jihadiste Boko Haram." *Radio France Internationale*, 25 de Fevereiro de 2017 (<http://www.rfi.fr/fr/afrique/20170225-nigeria-bokoharam-divisions-al-barnawi-shekau-vincent-foucher-icg>,

palavras, o juramento de fidelidade pode ser mudado ou anulado, e isto é especialmente possível em Moçambique, considerando que existem vários pontos de (potencial) tensão entre o Al-Shabaab moçambicano e o ISIS, quer em relação a ideias e práticas religiosas (o Al-Shabaab é Alcoranista enquanto o ISIS não é), raça e nacionalismo (o ISIS é principalmente árabe), bem como estratégia e poder/controlado.

5. Conclusão

O foco do presente artigo incide na origem, natureza e início da insurgência em Moçambique. Revelou que os insurgentes, vulgarmente referidos como Al-Shabaab, se baseiam numa seita religiosa que surgiu por volta de 2007. Por definição, as seitas retiram-se da sociedade, sendo este o caso em Cabo Delgado quando os líderes e membros do Al-Shabaab construíram as suas próprias mesquitas e se distanciaram das instituições do Estado e da sociedade em geral. A seita era islâmista, visando assim estabelecer uma contra-sociedade governada exclusivamente de acordo com a lei islâmica (sharia). A seita nada teve a ver com a maioria muçulmana sufi de Cabo Delgado ou o Conselho Islâmico Wahhabi de Moçambique (CISLAMO), que se opuseram à seita desde o início. Embora tanto o CISLAMO como a seita partilhassem ideias das scripturalistas, diferiam em vários pontos, sendo o mais importante a relação que os muçulmanos deveriam ter com o Estado. Durante um período de dez anos, a seita estabeleceu-se em pelo menos oito distritos de Cabo Delgado antes de recorrer à violência em 2017. Em 2016, a seita estava activa nos distritos de Palma, Nangade, Mocímboa da Praia, Macomia, Quissanga, e Montepuez; anteriormente, tinha marcado presença nos distritos de Balama, Ancuabe e Chiure.

O artigo argumenta que a seita provavelmente mudou para o jihadismo armado em consequência do crescimento e da radicalização que viveu assim que em consequência da repressão que sofreu por parte das principais organizações muçulmanas e, mais tarde, do Estado – o envolvimento deste último possivelmente levando a seita a abandonar a sua abordagem de retirada da sociedade. Por último, o artigo considerou explicações alternativas para a origem e desenvolvimento da insurgência, incluindo a ligação dos insurgentes ao Estado islâmico. O artigo argumentou que embora conspirações e factores internacionais podem ter sido importantes, eles precisam de ser mantidos dentro das devidas proporções. Houve certamente influências e manipulações externas e o Al-Shabaab ligou-se,

consultado a 3 de Janeiro de 2020) e International Crisis Group, "Facing the Challenge of the Islamic State in West Africa Province." *ICG Report* no. 273, 16 de Maio de 2019 (<https://www.crisisgroup.org/africa/west-africa/nigeria/273-facing-challenge-islamic-state-west-africa-province>, consultado a 3 de Janeiro de 2020); Zenn, "Boko Haram's Conquest for the Caliphate."

de facto, ao ISIS, mas é de duvidar que estes factores tenham por enquanto alterado radical e definitivamente a natureza dos insurgentes. O artigo defende que é mais produtivo pensar nos insurgentes do Al-Shabaab em termos da sua trajectória histórica, evoluindo de uma seita islâmista para um grupo armado jihadi violento, passando actualmente por um processo de internacionalização que poderá desenvolver-se ou evoluir de várias formas no futuro.

Bibliografia

Bonate, Liazzat J.K. "Transformations de l'islam à Pemba au Mozambique." *Afrique Contemporaine* 231, no. 3 (2009): 61–76.

Bonelli, Laurent, and Fabien Carrié. *La fabrique de la radicalité: Une sociologie des jeunes djihadistes français*. Paris: Éditions du Seuil, 2018.

Chichava, Sérgio. "Os primeiros sinais do 'Al Shabaab' em Cabo Delgado: algumas histórias de Macomia e Ancuabe." *IDeIAS*, no. 129 (2020): 2 pp.

Chichava, Sérgio. "Por uma leitura sócio-histórica da etnicidade em Moçambique." *IESE Discussion Paper*, no. 1 (2008): 17 pp.

Chome, Ngala. "From Islamic Reform to Muslim Activism: The Evolution of an Islamist Ideology in Kenya." *African Affairs* 118, no. 472 (2019): 531–552.

Declich, Francesca. "Transmission of Muslim Practices and Women's Agency in Ibo Island and Pemba (Mozambique)." *Journal of Eastern African Studies* 7, no. 4 (2013): 588–606.

Feijó, João. "Assimetrias no acesso ao Estado: Um terreno fértil de penetração do jihadismo islâmico?" *Observador Rural* 93 (2020): 41 pp.

Habibe, Saide, Salvador Forquilha e João Pereira. *Radicalização Islâmica no Norte de Moçambique: O Caso de Mocímboa da Praia*. Maputo: IESE, 2019.

Haysom, Simone. *Where Crime Compounds Conflict. Understanding northern Mozambique's vulnerabilities*. Geneva: Global Initiative Against Transnational Organized Crime, 2018.

Johnson, Benton. "A Critical Appraisal of the Church-Sect Typology." *American Sociological Review* 22, no. 1 (1957): 88–92.

International Crisis Group. "Al-Shabaab Five Years after Westgate: Still a Menace in East Africa." *Africa Report* 265 (2018): 39 pp.

Kaarsholm, Preben. "Islam, Secularist Government, and State-Civil Society Interaction in Mozambique and South Africa Since 1994." *Journal of Eastern African Studies* 9, no. 3 (2015): 468–487.

Macagno, Lorenzo. "Les nouveaux Oulémas: La recomposition des autorités musulmanes au nord du Mozambique." *Lusotopie* 14, no. 1 (2007): 151–177.

Matsinhe, David M, and Estacio Valoi. "The Genesis of Insurgency in Northern Mozambique." ISS *Southern Africa Report*, no. 27 (2019): 22 pp.

Morier-Genoud, Eric. "A Prospect of Secularization? Muslims and Political Power in Mozambique Today." *Journal for Islamic Studies* 27 (2007): 233–266.

Morier-Genoud, Eric. "L'islam au Mozambique après l'indépendance: Histoire d'une montée en puissance." In *LAfrique politique* 2002: Islams d'Afrique, entre le local et le global, 123–146. Paris: Karthala, 2002.

Morier-Genoud, Eric. "The 1996 'Muslim Holiday' Affair. Religious Competition and State Mediation in Contemporary Mozambique." *Journal of Southern African Studies* 26, no. 3 (2000): 409–427.

Mustapha, Abdul Raufu e David Ehrhardt. *Creed & Grievance: Muslim-Christian Relations & Conflict Resolution in Northern Nigeria*. Oxford: James Currey, 2019.

Mustapha, Abdul Raufu e Kate Meagher. *Overcoming Boko Haram: Faith, Society & Islamic Radicalization in Northern Nigeria*. Oxford: James Currey, 2020.

Mustapha, Abdul Raufu. *Sects & Social Disorder: Muslim Identities & Conflict in Northern Nigeria*. Oxford: James Currey, 2017.

Rogeiro, Nuno. *O Cabo do Medo. O Daesh em Moçambique*. Lisboa: Dom Quixote, 2020.

Roy, Olivier. *Généalogie de l'islamisme*. Paris: Pluriel, 2010. [primeira ed. Paris: Hachette, 1995].

Santos, Ana Margarida Sousa. *History, Memory and Violence: Changing Patterns of Group Relationship in Mocimboa da Praia*, Mozambique. Dissertação de Doutoramento, University of Oxford, 2011.

Santos, Francisco Almeida dos. "War in Resource-Rich Northern Mozambique – Six Scenarios." *CMI Insight* 2 (2020): 18 pp.

Tibi, Bassam. *Islamism and Islam*. New Haven: Yale University Press, 2012.

US Embassy in Mozambique. *Mozambique 2018 International Religious Freedom Report*. Washington: United States Department of State, Bureau of Democracy, Human Rights, & Labor, 2018 (online at <https://mz.usembassy.gov/mozambique-2018-international-religiousfreedom-report>, consultado a 07 de Outubro de 2019).

Zenn, Jacob. "Boko Haram's Conquest for the Caliphate: How Al Qaeda Helped Islamic State Acquire Territory." *Studies in Conflict & Terrorism* 43, no. 2 (2020): 89–122.

Outras Publicações do IESE

Livros

A Frelimo, o Marxismo e a construção do Estado Nacional 1962-1983 (2020)

Luís de Brito (organizador)

IESE: Maputo

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/03/livro_LB.pdf

Agora eles têm medo de nós! – Uma colectânea de textos sobre as revoltas populares em Moçambique (2008–2012) (2017)

Luís de Brito (organizador)

IESE: Maputo

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2018/02/IESE-Food-Riot.pdf>

Agora eles têm medo de nós! – Uma colectânea de textos sobre as revoltas populares em Moçambique (2008–2012) (2017)

Luís de Brito (organizador)

IESE: Maputo

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2018/02/IESE-Food-Riot.pdf>

Economia, recursos naturais, pobreza e política em Moçambique – Uma colectânea de textos (2017)

Luís de Brito e Fernanda Massarongo (organizadores)

IESE: Maputo

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2017/10/IESE_Coleta_nea_de_IDeIAS_-_Livro.pdf

Emprego e transformação económica e social em Moçambique (2017)

Rosimina Ali, Carlos Nuno Castel-Branco e Carlos Muianga (organizadores)

IESE: Maputo

http://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2017/10/IESE_Emprego_e_Transf_Econ_Social_-_Livro.pdf

Political economy of decentralisation in Mozambique: dynamics, outcomes, challenges (2017)

Bernahard Weimer with João Carrilho

IESE: Maputo

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2017/10/IESE_Political_Economy_of_Decentralisation-_Livro.pdf

A economia política da descentralização em Moçambique: dinâmicas, efeitos, desafios (2017)

Bernahard Weimer e João Carrilho

IESE: Maputo

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/01/IESe-economia-politica.pdf>

Questões sobre o desenvolvimento produtivo em Moçambique. (2015)

Carlos Nuno Castel-Branco, Nelsa Massingue e Carlos Muianga (organizadores)

IESE: Maputo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/livros/IESE_FAN_PT.pdf

Questions on productive development in Mozambique. (2015)

Carlos Nuno Castel-Branco, Nelsa Massingue e Carlos Muianga (editors)

IESE: Maputo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/livros/IESE_FAN_PT.pdf

Moçambique: Descentralizar o Centralismo? Economia Política, Recursos e Resultados. (2012)

Bernhard Weimer (organizador)

IESE: Maputo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/livros/Descent/IESE_Decimalizacao.pdf

A Mamba e o Dragão: Relações Moçambique-China em Perspectiva. (2012)

Sérgio Chichava e C. Alden (organizador)

IESE: Maputo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/livros/MozChin/IESE_Mozam-China.pdf

Desafios para Moçambique 2020. (2020)

Salvador Forquilha (organizador)

IESE: Maputo

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/12/Desafios2019.pdf>

Desafios para Moçambique 2019. (2019)

Sérgio Chichava (organizador)

IESE: Maputo

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/12/Desafios2019.pdf>

Desafios para Moçambique 2018. (2018)

Salvador Forquilha (organizador)

IESE: Maputo

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/05/Livrol_DesafiosMoc2018.pdf

Desafios para Moçambique 2017. (2017)

Luís de Brito, Carlos Nuno Castel-Branco, Sérgio Chichava, António Francisco, e Salvador Forquilha (organizadores)

IESE: Maputo

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2018/05/Desafios2017.pdf>

Desafios para Moçambique 2016. (2016)

Luís de Brito, Carlos Nuno Castel-Branco, Sérgio Chichava, António Francisco, e Salvador Forquilha (organizadores)

IESE: Maputo

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2017/04/Desafios2016.pdf>

Desafios para Moçambique 2015. (2015)

Luís de Brito, Carlos Nuno Castel-Branco, Sérgio Chichava, António Francisco, e Salvador Forquilha (organizadores)

IESE: Maputo

<https://www.iese.ac.mz/lib/publication/livros/des2015/IESE-Desafios2015.pdf>

Desafios para Moçambique 2014. (2014)

Luís de Brito, Carlos Nuno Castel-Branco, Sérgio Chichava, António Francisco e Salvador Forquilha (organizadores)

IESE: Maputo

<https://www.iese.ac.mz/lib/publication/livros/des2014/IESE-Desafios2014.pdf>

Desafios para Moçambique 2013. (2013)

Luís de Brito, Carlos Nuno Castel-Branco, Sérgio Chichava, António Francisco e Salvador Forquilha (organizadores)

IESE: Maputo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication//livros/des2013/IESE_Des2013.pdf

Desafios para Moçambique 2012. (2012)

Luís de Brito, Carlos Nuno Castel-Branco, Sérgio Chichava e António Francisco (organizadores)

IESE: Maputo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/livros/des2012/IESE_Des2012.pdf

Desafios para Moçambique 2011. (2011)

Luís de Brito, Carlos Nuno Castel-Branco, Sérgio Chichava e António Francisco (organizadores)

IESE: Maputo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/livros/des2011/IESE_Des2011.pdf

Desafios para Moçambique 2010. (2009)

Luís de Brito, Carlos Nuno Castel-Branco, Sérgio Chichava e
António Francisco (organizadores)

IESE: Maputo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/livros/des2010/IESE_Des2010.pdf

Economia extractiva e desafios de industrialização em Moçambique – comunicações apresentadas na II Conferência do Instituto de Estudos Sociais e Económicos. (2010)

Luís de Brito, Carlos Nuno Castel-Branco, Sérgio Chichava e
António Francisco (organizadores)

IESE: Maputo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/livros/economia/IESE_Economia.pdf

Proteção social: abordagens, desafios e experiências para Moçambique – comunicações apresentadas na II Conferência do Instituto de Estudos Sociais e Económicos. (2010)

Luís de Brito, Carlos Nuno Castel-Branco, Sérgio Chichava e
António Francisco (organizadores)

IESE: Maputo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/livros/protecao/IESE_ProteccaoSocial.pdf

Pobreza, desigualdade e vulnerabilidade em Moçambique – comunicações apresentadas na II Conferência do Instituto de Estudos Sociais e Económicos. (2010)

Luís de Brito, Carlos Nuno Castel-Branco, Sérgio Chichava e
António Francisco (organizadores)

IESE: Maputo.

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/livros/pobreza/IESE_Pobreza.pdf

Cidadania e Governação em Moçambique – comunicações apresentadas na Conferência Inaugural do Instituto de Estudos Sociais e Económicos. (2009)

Luís de Brito, Carlos Castel-Branco, Sérgio Chichava e António Francisco (organizadores)

IESE: Maputo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/livros/cidadania/IESE_Cidadania.pdf

Reflecting on economic questions – papers presented at the inaugural conference of the Institute for Social and Economic Studies. (2009)

Luís de Brito, Carlos Castel-Branco, Sérgio Chichava and António Francisco (editors)

IESE: Maputo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/livros/ref/IESE_QEcon.pdf

Southern Africa and Challenges for Mozambique – papers presented at the inaugural conference of the Institute for Social and Economic Studies. (2009)

Luís de Brito, Carlos Castel-Branco, Sérgio Chichava and António Francisco (editors)

IESE: Maputo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/livros/South/IESE_South.pdf

**Governança em Moçambique: Recursos para Monitoria e Advocacia (2012)
Projeto de Desenvolvimento de um Sistema de Documentação e de Partilha de Informação, IESE**

IESE: Maputo

Monitoria e Advocacia da Governança com base no Orçamento de Estado: Manual de Formação (2012)

Zaqueo Sande (Adaptação)

IESE: Maputo

Pequeno Guia de Inquérito por Questionário (2012)

Luís de Brito

IESE: Maputo

Envelhecer em Moçambique: Dinâmicas do Bem-Estar e da Pobreza (2013)

António Francisco, Gustavo Sugahara e Peter Fisker

IESE: Maputo

https://www.iese.ac.mz/lib/IESE_DinPob.pdf

Growing old in Mozambique: Dynamics of well-being and Poverty (2013)

António Francisco, Gustavo Sugahara e Peter Fisker

IESE: Maputo

https://www.iese.ac.mz/lib/IESE_DynPov.pdf

Cadernos IESE

(Artigos produzidos por investigadores permanentes e associados do IESE. Esta colecção substitui as séries “Working Papers” e “Discussion Papers”, que foram descontinuadas)

Cadernos IESE nº 19P: Vampiros, Jihadistas e Violência Estrutural em Moçambique: Reflexões sobre Manifestações Violentas de Descontentamento Local e as suas Implicações para a Construção da Paz. (2020)

Bernhard Weimer

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/10/CadernosIESE-18-SC_eng.pdf

Cadernos IESE nº 18E: A Frelimo criou o “Al Shabaab?” Uma análise às eleições de 15 partir de Cabo Delgado. (2020)

Sérgio Chichava

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/10/CadernosIESE-18-SC_eng.pdf

Cadernos IESE nº 18E: Did Frelimo create “Al Shabaab”? An analysis of the 15 October 2019 elections from Cabo Delgado. (2020)

Sérgio Chichava

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/09/CadernosIESE-18_SChichava.pdf

Cadernos IESE nº 17E: Islamic radicalization in northern Mozambique. The case of Mocímboa da Praia. (2019)

Salvador Forquilha, João Pereira & Saïde Habibe

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/12/cadernos_17eng.pdf

Cadernos IESE nº 17P: Radicalização Islâmica no Norte de Moçambique: o caso de Mocímboa da Praia. (2019)

Salvador Forquilha, João Pereira & Saïde Habibe

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/09/cadernos_17.pdf

Cadernos IESE nº 16: A cobertura da China na imprensa moçambicana: Repercussões para o soft power chinês. (2015)

Sérgio Chichava, Lara Côrtes & Aslak Orre

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/IESE_Cad16.PDF

Cadernos IESE nº 15: Plágio em Cinco Universidades de Moçambique: Amplitude, Técnicas de Detecção e Medidas de Controlo. (2015)

Peter E. Coughlin

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/IESE_Cad15.pdf

Cadernos IESE n.º 14P: Revoltas da Fome: Protestos Populares em Moçambique (2008-2012). (2015)

Luís de Brito, Egídio Chaimite, Crescêncio Pereira, Lúcio Posse, Michael Sambo e Alex Shankland

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/IESE_Cad14.pdf

Cadernos IESE n.º 13E: Participatory Budgeting in a Competitive-Authoritarian Regime: A Case Study (Maputo, Mozambique). (2014)

William R. Nylen

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/IESE_Cad13_Eng.pdf

Cadernos IESE n.º 13P: O orçamento participativo num regime autoritário competitivo: um estudo de caso (Maputo, Moçambique). (2014)

William R. Nylen

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/IESE_Cad13_Port.pdf

Cadernos IESE n.º 12E: The Expansion of Sugar Production and the Well-Being of Agricultural Workers and Rural Communities in Xinavane and Magude. (2013)

Bridget O'Laughlin e Yasfir Ibraimo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/CadernosIESE_12e.pdf

Cadernos IESE n.º 12P: A Expansão da Produção de Açúcar e o Bem-Estar dos Trabalhadores Agrícolas e Comunidades Rurais em Xinavane e Magude. (2013)

Bridget O'Laughlin e Yasfir Ibraimo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/CadernosIESE_12p.pdf

Cadernos IESE n.º 11: Proteção Social no Contexto da Transição Demográfica Moçambicana. (2011)

António Alberto da Silva Francisco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/CadernosIESE_11_AFrancisco.pdf

Cadernos IESE n.º 10: Proteção Social Financeira e Demográfica em Moçambique: oportunidades e desafios para uma segurança humana digna. (2011)

António Alberto da Silva Francisco, Rosimina Ali, Yasfir Ibraimo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/CadernosIESE_10_AFRA.pdf

Cadernos IESE n.º 9: Can Donors 'Buy' Better Governance? The political economy of budget reforms in Mozambique. (2011)

Paolo de Renzio

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/CadernosIESE_09_PRenzio.pdf

Cadernos IESE nº 8: Desafios da Mobilização de Recursos Domésticos – Revisão crítica do debate. (2011)

Carlos Nuno Castel-Branco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/CadernosIESE_08_CNCB.pdf

Cadernos IESE nº 7: Dependência de Ajuda Externa, Acumulação e Ownership. (2011)

Carlos Nuno Castel-Branco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/CadernosIESE_07_CNCB.pdf

Cadernos IESE nº 6: Enquadramento Demográfico da Proteção Social em Moçambique. (2011)

António Francisco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/CadernosIESE_06_AF.pdf

Cadernos IESE nº 5: Estender a Cobertura da Proteção Social num Contexto de Alta Informalidade da Economia: necessário, desejável e possível? (2011)

Nuno Cunha e Ian Orton

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/CadernosIESE_05_Nuno_Ian.pdf

Cadernos IESE nº 4: Questions of health and inequality in Mozambique. (2010)

Bridget O’Laughlin

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/CadernosIESE_04_Bridget.pdf

Cadernos IESE nº 3: Pobreza, Riqueza e Dependência em Moçambique: a propósito do lançamento de três livros do IESE. (2010)

Carlos Nuno Castel-Branco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/CadernosIESE_03_CNCB.pdf

Cadernos IESE nº 2: Movimento Democrático de Moçambique: uma nova força política na Democracia moçambicana? (2010)

Sérgio Inácio Chichava

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/CadernosIESE_02_SC.pdf

Cadernos IESE nº 1: Economia Extractiva e desafios de industrialização em Moçambique. (2010)

Carlos Nuno Castel-Branco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/CadernosIESE_01_CNCB.pdf

Working Papers

(Artigos em processo de edição para publicação. Coleção descontinuada e substituída pela série “Cadernos IESE”)

WP nº 1: Aid Dependency and Development: a Question of Ownership? A Critical View. (2008)

Carlos Nuno Castel-Branco

<https://www.iese.ac.mz/lib/publication/AidDevelopmentOwnership.pdf>

Discussion Papers

(Artigos em processo de desenvolvimento/debate. Coleção descontinuada e substituída pela série “Cadernos IESE”)

DP nº 6: Recursos naturais, meio ambiente e crescimento económico sustentável em Moçambique. (2009)

Carlos Nuno Castel-Branco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/DP_2009/DP_06.pdf

DP nº 5: Mozambique and China: from politics to business. (2008)

Sérgio Inácio Chichava

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/dp_2008/DP_05_MozambiqueChinaDPaper.pdf

DP nº 4: Uma Nota sobre Voto, Abstenção e Fraude em Moçambique. (2008)

Luís de Brito

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/dp_2008/DP_04_Uma_Nota_Sobre_o_Voto_Abstenciao_e_Fraude_em_Mocambique.pdf

DP nº 3: Desafios do Desenvolvimento Rural em Moçambique. (2008)

Carlos Nuno Castel-Branco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/dp_2008/DP_03_2008_Desafios_DesenvRural_Mocambique.pdf

DP nº 2: Notas de Reflexão sobre a "Revolução Verde"; contributo para um debate. (2008)

Carlos Nuno Castel-Branco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/dp_2008/Discussion_Paper2_Revolucao_Verde.pdf

DP nº 1: Por uma leitura sócio-histórica da etnicidade em Moçambique. (2008)

Sérgio Inácio Chichava

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/dp_2008/DP_01_ArtigoEtnicidade.pdf

Boletim IDEIAS

(Boletim que divulga resumos e conclusões de trabalhos de investigação)

Nº 137: Protecção social em contexto de terrorismo: que implicações tem a insurgência islâmica nos mecanismos formais de protecção social em Moçambique? (2021)

Moisés Siúta

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2021/01/ideias-137_MSi.pdf

Nº 136: IDEIAS_Nº136 – Perspectiva económica do Fundo Soberano e principais desafios do sistema de gestão das finanças públicas em Moçambique (202)

Moisés Siúta, Yasfir Ibraimo e Carlos Muianga

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/12/ideias-136-CMYIMS.pdf>

Nº 135P: Did Frelimo create “Al Shabaab”? An analysis of the 15 October 2019 elections from Cabo Delgado (2020)

Carlos Muianga, Moisés Siúta e Yasfir Ibraimo

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/10/CadernosIESE-18-SC_eng.pdf

Nº 134E: Did Frelimo create “Al Shabaab”? An analysis of the 15 October 2019 elections from Cabo Delgado (2020)

Sérgio Chichava

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/10/CadernosIESE-18-SC_eng.pdf

Nº 134P: As primeiras caras do “Al Shabaab” em Cabo Delgado: o caso de André Idrissa em Cogolo (2020)

Sérgio Chichava

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/09/ideias-134p_SC.pdf

Nº 133: Os imaginários dos ‘intermediários’ à volta da COVID-19 em Moçambique (2020)

Lúcio Posse e Egídio Chaimite

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/07/ideias_133-LPEC.pdf

Nº 132: COVID-19 e a “Sociedade de Risco”: uma reflexão a partir do contexto moçambicano (2020)

Lúcio Posse

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/05/ideias-132_LP.pdf

Nº131: Moçambique e a COVID-19: mecanismos externos de transmissão do seu impacto económico (2020)

Michael Sambo e Moisés Siúta

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/05/ideias-131_MSMSi.pdf

Nº 130P: Face ao conflito no Norte, o que Moçambique pode aprender da sua própria guerra civil (1976-1992)? Uma análise das dinâmicas da insurgência em Cabo Delgado (2020)

Salvador Forquilha e João Pereira

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/05/ideias-130_SFJP.pdf

Nº 129: Os primeiros sinais do “Al Shabaab” em Cabo Delgado: algumas histórias de Macomia e Ancuabe (2020)

Sérgio Chichava

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/04/ideias-129_SC.pdf

Nº 128: Campanhas de prevenção da COVI – 19 em Moçambique: alguns desafios para o setor dos media (2020)

Crescêncio B. G. Pereira

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/04/ideias_128-CP.pdf

Nº 127E: Who is “the enemy” attacking Cabo Delgado? Short presentation of the hypotheses of the Mozambican Government (2020)

Sérgio Chichava

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/04/ideias-127e_SC.pdf

Nº 127P: Quem é o “inimigo” que ataca Cabo Delgado? Breve apresentação das hipóteses do governo moçambicano (2020)

Sérgio Chichava

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/04/ideias-127_SC.pdf

Nº 126: A economia de Moçambique e a COVID-19: reflexões à volta das recentes medidas de política monetária anunciadas pelo Banco de Moçambique (2020)

Yasfir Ibraimo e Carlos Muianga

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/04/ideias-126_YICM.pdf

Nº 125: O trabalho e a proteção social num contexto do Estado de Emergência em Moçambique (2020)

Ruth Castel-Branco

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/04/ideias-125-RC-B.pdf>

Nº 124: COVID-19 em Moçambique: dimensões e possíveis impactos (2020)

Moisés Siúta e Michael Sambo

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2020/04/Ideias-124_MSiMS.pdf

Nº 123 – Participação cidadã, corrupção e serviços: algumas notas a partir do município de Tete (2019)

Lúcio Posse

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/12/Ideias-123_LP.pdf

Nº 122 – A prevalência e concentração do investimento directo chinês em Moçambique: será que importa? (2019)

Michael Sambo

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/12/Ideias-122_MS.pdf

Nº 121E – Work in the agro-industry livelihoods and social reproduction in Mozambique: beyond job creation (2019)

Rosimina Ali and Sara Stevano

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/12/Ideias-121e_RA.pdf

Nº 120 – A hipótese do ciclo de vida do consumo e a poupança em Moçambique: porquê poupamos tão pouco? (2019)

Moisés Siúta

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/12/Ideias-120_MS.pdf

Nº 119 – Decisões de investimento para a exploração de gás e os limites do “realismo” sobre o “progresso dos moçambicanos” (2019)

Carlos Muianga

http://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/11/Ideias-119_CM.pdf

Nº 118 – Principais desafios da proteçãp social em Moçambique (2019)

Moisés Siúta

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/11/Ideias-118_MS.pdf

Nº 117E – Working in the Agro- Industry in Mozambique: can these jobs lift workers out of poverty? (2019)

Sara Stevano e Rosimina Ali

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/11/ideias-117_RA.pdf

Nº 116 - Conflito de terra e relações de poder ao nível da base no município de Lichinga 2014 – 2018 (2019)

Bernardino António

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/10/ideias-116-BA.pdf>

Nº 115E - If statistics don't lie, why are there those who dare to use them to manipulate elections? (2019)

António Francisco

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/07/ideias-115e-AF.pdf>

Nº 115P - Se a estatística não mente, porque há quem teime em usá-la para manipular o processo eleitoral? (2019)

António Francisco

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/07/ideias-115_af.pdf

Nº 114 - Elementos para um perfil dos abstencionistas nas eleições autárquicas de 2013 (2019)

Luís de Brito

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/06/ideias-114_LB.pdf

Nº 113E - Statistics don't lie, but there are those who use them to lie shamelessly: The Example of Electoral Estimates in Mozambique (2019)

António Francisco

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/06/ideias113e-AF.pdf>

Nº 113P - A Estatística não Mente, mas Há Quem a Use Para Mentir Sem Pudor: O Exemplo das Estimativas Eleitorais em Moçambique (2019)

António Francisco

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/06/ideias113p-AF.pdf>

Nº 112 - Desempenho eleitoral do MDM e seus dissidentes nas eleições autárquicas de 2013 e 2018 (2019)

Sérgio Chichava

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/05/ideias-112_SC.pdf

Nº 111 - Corrupção e suas implicações na governação local: o caso da autarquia de Lichinga (2014 – 2018) (2019)

Bernardino António

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/04/ideias-n-111-BA.pdf>

Nº 110 - MARROMEU: Falhanço Eleitoral numa Competição Política (2019)

Crescêncio B.G. Pereira

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/03/ideias-110_CP.pdf

Nº 109E - Four years of Nyusi's governance: Between growth and degeneration (2019)

António Francisco

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/04/ideias-109e_af.pdf

Nº 109P – Quatro anos de governação Nyusi: Entre crescimento e abastardamento (2019)

António Francisco

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/01/ideias_109-af.pdf

Nº 108 – A questão da terra e opções de transformação agrária e rural em Moçambique: algumas notas para debate (2018)

Carlos Muianga

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2018/10/ideias-108-cm.pdf>

Nº 107P – O Perigo da Armadilha da Desorçamentação em Moçambique (2018)

António Francisco

<http://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2018/10/ideias-107-AF-part2.pdf>

Nº 107E – The danger of denying the trap of debudgetisation (2018)

António Francisco

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2018/10/ideias-107-AF-part-en.pdf>

Nº 106E – Debudgetisation in Mozambique: shortage of resources and of budgetary responsibility (2018)

António Francisco

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2018/10/ideias-106-AF-part1-en.pdf>

Nº 106P – Desorçamentação em Moçambique: Escassez de Recursos e de Responsabilidade Orçamental (2018)

António Francisco

https://www.iese.ac.mz/ideias-106_af/

Nº 105 – O que explica o aumento do custo de vida em Moçambique? (2018)

Yasfir Ibraimo, Epifânia Langa, Carlos Muianga e Rosimina Ali

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2018/09/ideias-n105.pdf>

Nº 104 – Salário Mínimo e Custo de Vida em Moçambique (2018)

Carlos Muianga, Rosimina Ali, Yasfir Ibraimo e Epifânia Langa

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2018/09/ideias-104.pdf>

Nº 103P – Moçambique terá mais de 100 milhões de habitantes no 1º Centenário da sua Independência? (2018)

António Francisco

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2018/07/ideias-103-AF.pdf>

Nº 103E – Will Mozambique have more than 100 million inhabitants on the centenary of its independence? (2018)

António Francisco

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2018/08/ideias-103-AF-ingles.pdf>

Nº 102 – Informação sobre Mercados de Trabalho em Moçambique: Algumas lacunas metodológicas, implicações e desafios (2018)

Rosimina Ali

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2018/07/Ideias-102_RosiminaAli.pdf

Nº 101 Descentralização no Setor de Saúde em Moçambique: “Um processo sinuoso” (2018)

Lúcio Posse

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2018/05/Ideia-101-LPosse.pdf>

Nº 100 Para além do mercado comum: desenvolvimento industrial em contexto de integração económica regional em Moçambique (2018)

Epifânia Langa

<https://www.iese.ac.mz/ideias-100-elanga/>

Nº 99 Efeitos macroeconómicos da dívida pública externa e doméstica em Moçambique (2018)

Yasfir Ibraimo

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2018/04/Ideia99YIbraimo.pdf>

Nº 98 Primeira volta da eleição intercalar de Nampula: de novo, a abstenção “ganhou”! (2018)

Salvador Forquilha

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2018/02/ideias-98-SForquilha.pdf>

Nº 97 Haiyu Mozambique Mining Company: dinâmicas da intervenção chinesa nas areias pesadas de Angoche (2018)

Michael Sambo

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2018/02/IESE-ideias-97-MSambo.pdf>

Nº 96 A “Operação Lava Jato” Vista de Moçambique (2017)

Sérgio Chichava

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2017/07/ideias_96.pdf

Nº 95E Diversity of Economic Growth Strategies in the CPLP (2017)

António Francisco e Moisés Siúta

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2017/07/IDeIAS-95e-1.pdf>

Nº 95P Diversidade de Estratégias de Crescimento Económico na CPLP(2017)

António Francisco e Moisés Siúta

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2017/07/boletim-ideias_95p.pdf

Nº 94 Porquê Moçambique precisa da Descentralização? Alguns subsídios para o debate(2017)

Salvador Forquilha

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2017/06/IESE_Ideias94.pdf

Nº 93E The Hidden Face of the Mozambican State Budget: Are the cash balances fictitious? (2017)

António Francisco e Ivan Semedo

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2017/03/IESE_Ideias93e.pdf

Nº 93P A Face Oculta do Orçamento do Estado Moçambicano: Saldos de Caixa são fictícios? (2017)

António Francisco e Ivan Semedo

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2017/03/IESE_Ideias93.pdf

Nº 92 Administração eleitoral em Moçambique: reformas necessárias (2016)

Egídio Chaimite

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2016/10/IESE_IDeIAS92.pdf

Nº 91 De Novo a Questão dos Saldos Rolantes na Conta Geral do Estado (2016)

António Francisco e Ivan Semedo

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2016/09/IESE_IDeIAS91.pdf

Nº 90 Geração de emprego e condições sociais de trabalho nas plantações agro-industriais em Moçambique (2016)

Rosimina Ali e Carlos Muianga

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2016/06/IESE_Ideias90.pdf

Nº 89 Crónica de uma crise anunciada: dívida pública no contexto da economia extractiva (2016)

Carlos Castel-Branco e Fernanda Massarongo

http://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2016/06/IESE_Ideias89.pdf

Nº 88 Cenários, Opções Dilemas de Política face à Ruptura da Bolha Económica (2016)

Carlos Castel-Branco e Fernanda Massarongo

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2016/06/IESE_Ideias88.pdf

Nº 87 Rebatendo Mitos do Debate sobre a Dívida Pública em Moçambique (2016)

Carlos Castel-Branco e Fernanda Massarongo

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2016/06/IESE_Ideias87.pdf

Nº 86 A dívida secreta moçambicana: impacto sobre a estrutura da dívida e consequências económicas (2016)

Carlos Castel-Branco e Fernanda Massarongo

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2016/06/IESE_Ideias86.pdf

Nº 85 Introdução à problemática da dívida pública: contextualização e questões imediatas (2016)

Carlos Castel-Branco e Fernanda Massarongo

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2016/05/IESE_Ideias85.pdf

Nº 84 Recenseamento eleitoral em Moçambique: um processo sinuoso (2016)

Egídio Chaimite

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2016/04/IESE_Ideias84.pdf

Nº 83 Rever o sistema eleitoral (2016)

Luís de Brito

https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2016/04/IESE_Ideias83.pdf

Nº 82 Saldos Rolantes no Orçamento do Estado Moçambicano: Nyusi Encontrou Cofres Vazios? (2016)

António Franciso & Ivan Semedo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/IESE_Ideias82.pdf

Nº 82 Rolling Balances in the Mozambican State Budget: Did Nyusi Find the Coffers Empty? (2016)

António Franciso & Ivan Semedo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/IESE_IDeIAS82e.pdf

Nº 81 Moçambique: Um dos Piores Países para os Idosos. Porquê? (2015)

António Franciso & Gustavo Sugahara

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/IESE_Ideias81.pdf

Nº 80 Vulnerabilidade dos estratos urbanos pobres: caso da pobreza alimentar em Maputo. (2015)

Oksana Mandlate

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/IESE_Ideias80.pdf

Nº 77P Estratégias de crescimento económico e desenvolvimento na CPLP. (2015)

António Francisco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/IESE_Ideias77p.pdf

Nº 77E Economic growth and development strategies in the CPLP. (2015)

António Francisco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/IESE_Ideias77e.pdf

Nº 76 Dilemas das ligações produtivas entre empresas numa economia afunilada. (2015)

Carlos Nuno Castel-Branco, Oksana Mandlate, e Epifânia Langa

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/IESE_Ideias76.pdf

Nº 75 Padrões de investimento privado e tendências especulativas na economia moçambicana. (2015)

Carlos Nuno Castel-Branco, Nelsa Massingue e Carlos Muianga

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/IESE_Ideias75.pdf

Nº 74 Acumulação Especulativa e Sistema Financeiro em Moçambique. (2015)

Carlos Nuno Castel-Branco, Fernanda Massarongo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/IESE_Ideias74.pdf

Nº 73: Estado e a Capitalização do Capitalismo Doméstico em Moçambique. (2015)

Nº 71: Dívida pública, acumulação de capital e a emergência de uma bolha económica. (2015)

Carlos Nuno Castel-Branco, Fernanda Massarongo e Carlos Muianga

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/IESE_Ideias71.pdf

Nº 70: Autonomização local para quê? Questões económicas no debate sobre autonomia local. (2015)

Carlos Nuno Castel-Branco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/IESE_Ideias70.pdf

Nº 69: Por que é que a emissão de obrigações do Tesouro não é a melhor alternativa para financiar o reembolso do IVA às empresas? (2015)

Fernanda Massarongo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/IESE_Ideias69.pdf

Nº 68E: Mozambican Aggregate Consumption: Evolution and Strategic Relevance (2015)

António Francisco e Moisés Siúta

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/IESE_Ideias68e.pdf

Nº 68P: Consumo Agregado Moçambicano: Evolução e Relevância Estratégica. (2015)

António Francisco e Moisés Siúta

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_68.pdf

Nº 67: O Gigaprojeto que Poderá Transformar a Economia Moçambicana? Pró e Contra o Projeto de GNL Moçambique. (2014)

António Francisco e Moisés Siúta

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_67.pdf

Nº 66P: Reformas de descentralização e serviços públicos agrários em Moçambique: Porquê os desafios persistem? (2014)

Salvador Forquilha

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_66p.pdf

Nº 66E: Decentralisation reforms and agricultural public services in Mozambique: Why do the challenges persist? (2014)

Salvador Forquilha

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_66e.pdf

Nº 65P: Por Que Moçambique Ainda Não Possui Pensão Universal Para Idosos? (2014)

António Francisco e Gustavo Sugahara

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_65p.pdf

Nº 65E: Why Mozambique Still Does Not Have a Universal Pension For The Elderly? (2014)

António Francisco e Gustavo Sugahara

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_65e.pdf

Nº 64P: Poupança interna: Moçambique e os outros. (2014)

António Francisco e Moisés Siúta

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_64p.pdf

Nº 64E: Domestic savings: Mozambique and the others. (2014)

António Francisco and Moisés Siúta

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_64e.pdf

Nº 63P: Poupança interna moçambicana: 2000-2010, uma década inédita. (2014)

António Francisco e Moisés Siúta

https://www.iese.ac.mz/lib/publication//outras/ideias/ideias_63p.pdf

Nº 63E: Mozambican domestic savings: 2000-2010, an unprecedent decade. (2014)

António Francisco and Moisés Siúta

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_63e.pdf

Nº 62: Medias e campanhas eleitorais. (2014)

Crescêncio Pereira

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_62.pdf

Nº 61: Indignai-vos! (2014)

Egidio Chaimite

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_61.pdf

Nº 60: Ligações entre os grandes projetos de IDE e os fornecedores locais na agenda nacional de desenvolvimento. (2014)

Oksana Mandlate

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_60.pdf

Nº 59: A Política Macroeconómica e a Mobilização de Recursos para Financiamento do Investimento Privado em Moçambique. (2014)

Fernanda Massarongo e Rogério Ossemane

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_59.pdf

Nº 58: As “revoltas do pão” de 2008 e 2010 na imprensa. (2013)

Crescêncio Pereira, Egidio Chaimite, Lucio Posse e Michael Sambo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_58.pdf

Nº 57: Cheias em Chókwè: um exemplo de vulnerabilidade. (2013)

Crescêncio Pereira, Michael Sambo e Egidio Chaimite

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_57.pdf

Nº 56: Haverá Possibilidade de Ligação Entre Grupos de Poupança e Crédito Cumulativo Informais e Instituições Financeiras Formais? (2013)

Fernanda Massarongo, Nelsa Massingue, Rosimina Ali, Yasfir Ibraimo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_56.pdf

Nº 55: Ligações com mega projetos: oportunidades limitadas a determinados grupos. (2013)

Epifania Langa

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_55.pdf

Nº 54P: Viver mais para viver pior? (2013)

Gustavo Sugahara, António Francisco, Peter Fisker

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_54e.pdf

Nº 54E: Is living longer living better? (2013)

Gustavo Sugahara, António Francisco, Peter Fisker

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_54p.pdf

Nº 53: Fukushima, ProSAVANA e Ruth First: Análise de “Mitos por trás do ProSAVANA” de Natália Fingermann (3). (2013)

Sayaka Funada-Classen

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_53.pdf

Nº 52: Fukushima, ProSAVANA e Ruth First: Análise de “Mitos por trás do ProSAVANA” de Natália Fingermann (2). (2013)

Sayaka Funada-Classen

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_52.pdf

Nº 51: Fukushima, ProSAVANA e Ruth First: Análise de “Mitos por trás do ProSAVANA” de Natália Fingeremann. (2013)

Sayaka Funada-Classen

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_51.pdf

Nº 50: Uma reflexão sobre o calendário e o recenseamento eleitoral para as eleições autárquicas de 2013. (2013)

Domingos M. Do Rosário

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_50.pdf

Nº 49: Os mitos por trás do PROSAVANA. (2013)

Natália N. Fingeremann

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_49.pdf

Nº 48P: Sobre resultados eleitorais e dinâmica eleitoral em Sofala. (2013)

Marc de Tollenaere

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_48p.pdf

Nº 48E: Analysing elections results and electoral dynamics in Sofala. (2013)

Marc de Tollenaere

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_48e.pdf

Nº 47: Moçambique: Entre Estagnação e Crescimento. (2012)

António Alberto da Silva Francisco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_47.pdf

Nº 46P: Desafios da Duplicação da População Idosa em Moçambique. (2012)

António Francisco & Gustavo Sugahara

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_46p.pdf

Nº 46E: The Doubling Elderly: Challenges of Mozambique's Ageing Population. (2012)

António Francisco & Gustavo Sugahara

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_46e.pdf

Nº 45: Moçambique e a Explosão Demográfica”: Somos Muitos? Somos Poucos? (2012)

António Alberto da Silva Francisco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_45.pdf

Nº 44: Taxas Directoras e Produção Doméstica. (2012)

Sófia Armacy

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_44.pdf

Nº 43E: MEITI – Analysis of the Legal Obstacles, Transparency of the Fiscal Regime and Full Accession to EITI. (2012)

Rogério Ossemane

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_43E.pdf

Nº 43P: ITIEM—Análise dos Obstáculos legais, Transparência do Regime Fiscal e Completa Adesão à ITIE. (2012)

Rogério Ossemane

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_43p.pdf

Nº 42E: Analysis of the Reconciliation Exercise in the Second Report of EITI in Mozambique. (2012)

Rogério Ossemane

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_42e.pdf

Nº 42P: Análise ao Exercício de Reconciliação do Segundo Relatório da ITIE em Moçambique. (2012)

Rogério Ossemane

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_42p.pdf

Nº 41: Estado e Informalidade: Como Evitar a “Tragédia dos Comuns” em Maputo? (2012)

António Francisco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_41.pdf

Nº 40: “Moçambique no Índice de Desenvolvimento Humano”: Comentários. (2011)

Carlos Nuno Castel-Branco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_40.pdf

Nº 39: Investimento directo chinês em 2010 em Moçambique: impacto e tendências. (2011)

Sérgio Inácio Chichava

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_39.pdf

Nº 38: Comissão Nacional de Eleições: uma reforma necessária. (2011)

Luís de Brito

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_37.pdf

Nº 37P: Envelhecimento Populacional em Moçambique: Ameaça ou Oportunidade? (2011)

António Alberto da Silva Francisco, Gustavo T.L. Sugahara

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_37p.pdf

Nº 37E: Population Ageing in Mozambique: Threat or Opportunity. (2011)

António Alberto da Silva Francisco, Gustavo T.L. Sugahara

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_36e.pdf

Nº 36: A Problemática da Proteção Social e da Epidemia do HIV-SIDA no Livro Desafios para Moçambique 2011. (2011)

António Alberto da Silva Francisco, Rosimina Ali

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_36.pdf

Nº 35P: Será que Crescimento Económico é Sempre Redutor da Pobreza? Reflexões sobre a experiência de Moçambique. (2011)

Marc Wuyts

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_35P.pdf

Nº 35E: Does Economic Growth always Reduce Poverty? Reflections on the Mozambican Experience. (2011)

Marc Wuyts

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_35E.pdf

Nº 34: Pauperização Rural em Moçambique na 1ª Década do Século XXI. (2011)

António Francisco e Simão Muhorro

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_34.pdf

Nº 33: Em que Fase da Transição Demográfica está Moçambique? (2011)

António Francisco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_33.pdf

Nº 32: Proteção Social Financeira e Proteção Social Demográfica: Ter muitos filhos, principal forma de proteção social em Moçambique? (2010)

António Francisco, Rosimina Ali e Yasfir Ibraimo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_32.pdf

Nº 31: Pobreza em Moçambique põe governo e seus parceiros entre a espada e a parede. (2010)

António Francisco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_31.pdf

Nº 30: A dívida pública interna mobiliária em Moçambique: alternativa ao financiamento do défice orçamental? (2010)

Fernanda Massarongo

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_30.pdf

Nº 29: Reflexões sobre a relação entre infra-estruturas e desenvolvimento. (2010)

Carlos Uilson Muianga

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_29.pdf

Nº 28: Crescimento demográfico em Moçambique: passado, presente...que futuro? (2010)

António Francisco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_28.pdf

Nº 27: Sociedade civil e monitoria do orçamento público. (2009)

Paolo de Renzio

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_27.pdf

Nº 26: A Relatividade da Pobreza Absoluta e Segurança Social em Moçambique. (2009)

António Francisco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_26.pdf

Nº 25: Quão Fiável é a Análise de Sustentabilidade da Dívida Externa de Moçambique? Uma Análise Crítica dos Indicadores de Sustentabilidade da Dívida Externa de Moçambique. (2009)

Rogério Ossemane

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_25.pdf

Nº 24: Sociedade Civil em Moçambique e no Mundo. (2009)

António Francisco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_24.pdf

Nº 23: Acumulação de Reservas Cambiais e Possíveis Custos derivados - Cenário em Moçambique. (2009)

Sofia Amarcy

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_23.pdf

Nº 22: Uma Análise Preliminar das Eleições de 2009. (2009)

Luis de Brito

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_22.pdf

Nº 21: Pequenos Provedores de Serviços e Remoção de Resíduos Sólidos em Maputo. (2009)

Jeremy Grest

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_21.pdf

Nº 20: Sobre a Transparência Eleitoral. (2009)

Luis de Brito

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_20.pdf

Nº 19: “O inimigo é o modelo”! Breve leitura do discurso político da Renamo. (2009)

Sérgio Chichava

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_19.pdf

Nº 18: Reflexões sobre Parcerias Público-Privadas no Financiamento de Governos Locais. (2009)

Eduardo Jossias Nguenha

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_18.pdf

Nº 17: Estratégias individuais de sobrevivência de mendigos na cidade de Maputo: Engenhosidade ou perpetuação da pobreza? (2009)

Emílio Dava

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_17.pdf

Nº 16: A Primeira Reforma Fiscal Autárquica em Moçambique. (2009)

Eduardo Jossias Nguenha

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_16.pdf

Nº 15: Proteção Social no Contexto da Bazarconomia de Moçambique. (2009)

António Francisco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_15.pdf

Nº 14: A Terra, o Desenvolvimento Comunitário e os Projetos de Exploração Mineira. (2009)

Virgílio Cambaza

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_14.pdf

Nº 13: Moçambique: de uma economia de serviços a uma economia de renda. (2009)

Luís de Brito

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_13.pdf

Nº 12: Armando Guebuza e a pobreza em Moçambique. (2009)

Sérgio Inácio Chichava

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_12.pdf

Nº 11: Recursos Naturais, Meio Ambiente e Crescimento Sustentável. (2009)

Carlos Nuno Castel-Branco

http://www.iese.ac.mz/lib/publication//outras/ideias/Ideias_11.pdf

Nº 10: Indústrias de Recursos Naturais e Desenvolvimento: Alguns Comentários. (2009)

Carlos Nuno Castel-Branco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication//outras/ideias/Ideias_10.pdf

Nº 9: Informação Estatística na Investigação: Contribuição da investigação e organizações de investigação para a produção estatística. (2009)

Rosimina Ali, Rogério Ossemane e Nelsa Massingue

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_9.pdf

Nº 8: Sobre os Votos Nulos. (2009)

Luís de Brito

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_8.pdf

Nº 7: Informação Estatística na Investigação: Qualidade e Metodologia. (2008)

Nelsa Massingue, Rosimina Ali e Rogério Ossemane

https://www.iese.ac.mz/lib/publication//outras/ideias/Ideias_7.pdf

Nº 6: Sem Surpresas: Abstenção Continua Maior Força Política na Reserva em Moçambique...Até Quando? (2008)

António Francisco

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_6.pdf

Nº 5: Beira - O fim da Renamo? (2008)

Luís de Brito

https://www.iese.ac.mz/lib/publication//outras/ideias/Ideias_5.pdf

Nº 4: Informação Estatística Oficial em Moçambique: O Acesso à Informação. (2008)

Rogério Ossemane, Nelsa Massingue e Rosimina Ali

https://www.iese.ac.mz/lib/publication//outras/ideias/Ideias_4.pdf

Nº 3: Orçamento Participativo: um instrumento da democracia participativa. (2008)

Sérgio Inácio Chichava

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_3.pdf

Nº 2: Uma Nota sobre o Recenseamento Eleitoral. (2008)

Luís de Brito

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_2.pdf

Nº 1: Conceptualização e Mapeamento da Pobreza. (2008)

António Francisco e Rosimina Ali

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_1.pdf

Relatórios de Investigação

Crónicas de uma eleição falhada. (2016)

Luís de Brito (ed.)

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/IESE_RR1.pdf

Murrupula: um distrito abstencionista (2016)

Egídio Chaimite e Salvador Forquilha

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/IESE_RR2.pdf

Afinal nem todos votam em Manjacaze (2016)

Egídio Chaimite e Salvador Forquilha

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/IESE_RR3.pdf

Beira – Clivagens Partidárias e Abstenção Eleitoral (2017)

Salvador Forquilha

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2017/02/IESE-Relatorio-4-WEB.pdf>

2014 – Um inquérito sobre a abstenção (2016)

Luís de Brito

<https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2017/02/IESE-Relatorio-5-WEB.pdf>

Mozambique: Avaliação independente do desempenho dos PAP em 2009 e tendências de desempenho no período 2004-2009. (2010)

Carlos Nuno Castel-Branco, Rogério Ossemame e Sofia Amarcy

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/2010/PAP_2009_v1.pdf

Current situation of Mozambican private sector development programs and implications for Japan's economic cooperation – case study of Nampula province. (2010)

Carlos Nuno Castel-Branco, Nelsa Massingue and Rogério Ossemame

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/Relatorio_Japao_final.pdf

Mozambique Independent Review of PAF's Performance in 2008 and Trends in PAP's Performance over the Period 2004-2008. (2009)

Carlos Nuno Castel-Branco, Rogério Ossemame, Nelsa Massingue and Rosimina Ali.

https://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/PAPs_2008_eng.pdf (também disponível em língua Portuguesa no link http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/PAPs_2008_port.pdf).

Mozambique Programme Aid Partners Performance Review 2007. (2008)

Carlos Nuno Castel-Branco, Carlos Vicente and Nelsa Massingue

https://www.iese.ac.mz/lib/publication//outras/PAPs_PAF_2007.pdf

IESE é uma organização moçambicana independente e sem fins lucrativos, que realiza e promove investigação científica interdisciplinar sobre problemáticas do desenvolvimento social e económico em Moçambique e na África Austral.

Tematicamente, a actividade científica do IESE contribui para a análise da política pública e social e da governação, com enfoque nas problemáticas de pobreza, política e planeamento público, cidadania, participação política, governação e contexto internacional do desenvolvimento em Moçambique.

